ANNO XXVI — N.º 36
Rio, 3 de Setembro de 1932
— PREÇO: 1$000 —

A saude acima de tudo
PARA a conservação desse tesouro que é a saude, é indispensavel a pratica dos sports. Assim revigora-se o corpo, tornando-se o espirito alegre e otimista.
Quando um mal fisico nos ataca o organismo, devemos defende-lo usando tão sómente medicamentos que por sua insuperada qualidade e pureza, mereçam absoluta confiança.
CAFIASPIRINA
o remedio de confiança
o analgesico por excelencia para as dôres de cabeça, de dentes, de ouvido, enxaquecas, nevralgias, reumatismo, incomodos femininos, resfriados, etc. Alivia as dôres com surpreendente rapidez, sem deprimir nem prejudicar o organismo.
BAYER

O conto brasileiro

Historia melancolica

De Gomes Netto

— QUIZERA poder, tambem eu, caro amigo, agora que começo a beirar, invadido de tédio e enfaro, a casa dos trinta, voltar sobre toda essa longa caminhada e percorrer, palmo a palmo, a poeirenta estrada vencida...

— Tu sonhador sempiterno, neste seculo mecanico, chegas a ser original... Emquanto os outros imaginam o futuro, sonhas... com o passado. Não, isso não é util...

— Que queres? Nasci assim, impregnado de mysticismo e veneração, e assim hei de morrer... O que eu invejo, Marcio, é não possuir a machina engendrada por um visionista, com a ajuda da qual se poderia percorrer, não o espaço, mas o tempo...

— Encontrarias, no trajecto, mais dissabores que alegrias...

— Só assim eu poderia volver aos meus doze annos, de menino romantico, adorador innocente das balladas ao luar, e reviver uma pagina que o tempo esmaeceu...

— Ao de um primeiro amôr... (cada aventura nova fica sendo a primeira...)

— Uma historia melancolica...

— Queres confiar-me a tua mágoa? Dispõe...

— Não existe mágoa; ha, apenas, uma grande saudade do começo do film de minha existencia. A vida humana não vae além dos estreitos limites de uma cinta de cinema, todas absolutamente iguaes, "standardizadas", de um modo geral. As objectivas é que variam de potencial; o resto depende de simples focalização...

— Philosophia pura e modernista... Neste momento, porém, prefiro o "passadismo"...

— Obrigado, pela advertencia delicada. Fumas? O que vou relatar é um fragmento de celluloide, que, com carinho extremado, consegui salvar da vertigem da destruição e do esquecimento. No conceito abalizado de Freud, o mestre da psychanalysmo, o homem é um animal, como os outros, e desde que vem ao mundo, a sua caracteristica maior — a *libido* — integra-se-lhe no corpo, como uma submateria... Assim, no recem-nascido, que procura, com soffreguidão, o seio materno, o anatomista psychico descobre, sobrepondo-se á innocencia, uma variante do sensualismo...

— Isso é uma affirmativa muito arrojada...

— Concordo, porque, sobre nós, ha um espirito de sabedoria altissimo que a intelligencia não póde negar. Menos a infantilidade, que não raciocina, como os collegiaes de minha classe, que admiravam a professora... Esbelta, quasi linda, de um loiro fulgurante, a nossa preceptora era, naquella época, um caso sério. Chamemos-lhe miss Ralston.

— O nome lembra qualquer coisa do "écran"...

— De simples admiração, passámos a dedicar-lhe funda amizade e, na graça envolvente de seu todo isomorpho, trescalando perfumes venenosos, na *allura* de seu passinho rythmico, Satania rondava os nossos sentidos de garotos. Eu, sentimental, punha-me, medroso, na aula, a contemplál-a, como a uma santa...

Vezes houve em que me surprehendeu, abstracto, perguntando-me si sentia alguma coisa. Sei lá! No recreio, miss Ralston, tal uma menina grande, tomava parte nos divertimentos e todos os pequenos a queriam empurrar no balanço... Menos um, o Simões, um gury escovado, que, de olhos muito escancarados, procurava tomar posição estrategica... Ella sorria, achava irresistivel a brincadeira.

" — Por que você não brinca tambem?" — inquiria-me, docemente.

"Para que? — pensavam os meus jovens annos. Para mim, a maior distracção era fitál-a, vêl-a irradiando felicidade, ébria de juventude e ardencia...

"Na classe, a ciumada era grande, quando ella se sentava, junto a um collega, na carteira, muito estreita, para ensinar-lhe a calligraphia... Havia troca de olhares rancorosos, risotas de condundente malicia... Como eramos ingenuos! O Simões, uma vez a vira, á noitinha...

"Com as tiras de ouro, em roda
Do céo, naquella noite humida e
[clara vôa
Alguem que a tudo acorda e a
[natureza toda
De desejos povôa:
E' a volupia que passa e não des-
[lisa; passa
E os corações inflamma...
Lá vae! E sobre a terra, o amôr,
[da curva taça
Que traz ás mãos, derrama..."

"Sahira em *deshabillé*, modelando-lhe as fórmas rosadas levissima e inconsutil gazes para pesar-se. O sabido era o pastor da igreja — dissera elle — um inglez esperto."

— Igreja ou escola?

— Explico-me: funccionava, no mesmo estabelecimento, um templo protestante, ao qual os alumnos compareciam dependente de vontade. Tornámo-nos crentes!

"Até hoje, guardo, nos neuronios, as suavissimas melodias daquelles threnos celestias, extra terrenos. A nossa meninice era uma diminuição com a qual não nos conformavamos. Mas, Ralston não nos ligava — eramos muito crianças, e quem lucrava era o inglez astucioso (que os céos não me criminem), que pregava a religião e se permittia, em logares privados, a praticas incompativeis com o decoro e a dignidade de suas funcções ministeriaes.

"Por fim, o escandalo estourou. A communidade exigiu sua expulsão immediata, bem como a da trefega miss, e nós cheios de pezar, interceptavamos o fio de amôr latente e temeroso... Até aqui, não obstante, me recordo de nosso primeiro contacto com o ministro, para lamentar o imperdoavel atrazo de minha incomprehensão do mundo...

— Se a isso chamas "historia melancolica"?!... Ahi está por que tanta heresia Freud articulou contra a pobre humanidade soffredora...

RESIGNADA CONFISSÃO

(AO ANDRÉ ARAUJO)

PELA estrada longa e, ás vezes, recurva, chegaram os noivos, num acompanhamento todo festivo e algo pomposo, á fazenda "Nova Esperança". Joaquim do Amaral, moço, forte, sympathico e herdeiro de regular fortuna e da tradição moral dos seus avoengos, fôra casar-se, na capital, com uma donzella toda belleza e toda educação.

E logo depois das nupcias elle a conduzira, dentro daquelle sequito, para engrandecel-o e amál-o.

A propriedade que lhe transmettiram, com muito zelo e muitas bençãos de felicidade, abrangia, em umberrima amplidão, differentes e aprazíveis camadas geologicas.

Varzeas se extendiam onde, ao sopro do vento, ciciavam verdes plantações que demonstravam riqueza, num continuo desabrochar, e davam aos senhores daquelles amados latifundios um alegre conforto.

Um pouco ao longe, bem á frente, limitando o seu territorio, passava uma cordilheira. Ao centro, elevada montanha dominava do seu aspecto, a bondade na força e a inabalavel vergonha de uma raça. E esta, que tanto trabalhou, legava ao seu sobrevivente aquillo que, tambem, era a sua maior e imperecivel herança.

E, em cima de uma planicie, edificaram a vasta e achapada casa que resguardou, em largos corredores e espaçosos dormitorios, gerações educadas na pureza e na austeridade, como se estivéra, dia a dia, a illuminál-as o fogo sagrado dos antigos.

Nella ingressára, pela mão do cavalheiro que equilibrou sua individualidade entre medidos costumes e um pouco de franca civilização, aquella advena criatura. E esta levou, na estranheza de habitos, uma irrequieta perfeição, a qual se desenvolvêra, voluntariamente, na liberdade dos modos.

Divergencias de idéas e de physicos fizeram, da novel senhora, uma dominadora deusa. Diana folgazã daquelles antiquados arvoredos, onde Joaquim do Amaral, em adoração, lhe rendia todo o preito de estima e ordenava á criadagem, resto da nubia escravatura, que lh'a obedecesse, como officiosos vassallos, sem um gésto siquer de contradicção.

E Helena loura e esculptural, numa inquiétante vibração de musculos e nervos e de uma sociedade avançada e diversa, conquistára pelo bello e pelas differentes maneiras, o reinado das ignoradas e bravas regiões.

Sua vontade cahia sobre todos com irrevogavel despotismo.

Fulgurante, ella surgia nas grandes salas esclarecidas pelos velhos candelabros, accesos a kerozene, que a mergulhavam nos seus baços reverberos, focando-a, qual perturbadora pythonisa.

E, no respeito submisso dessa outra gente, ella resplandecia, dentro dos seus cabellos alourados, como uma santa visão, pairando em divinal dominio.

E era o marido quem mais se entregava ao poderio de tanta formosura.

Nesse typo de hercules selvagem, feito e moldado sem methodos, porém, com a variedade continua de sports, Helena sentava-se nas musculosas pernas e dava-lhe estalantes e quentes beijos, enrolando-se, ás vezes, ao seu pescoço, como sequiosa e desabrochada parasita.

E elle, arvore selvosa e feliz, deixaria sugar-se todo até cahir estorcendo-se na ultima gotta do seu physico, mas sentindo em vivida palpitação alguem que lhe déra o supremo prazer de amar.

E ella saltava, corria, nos largos alpendres, por entre a orgulhosa risada do esposo e a admiradora lisonja dos servos que a cortejavam, em prompta obediencia e frouxos salamaleques.

E nada lhe faltava na sertaneja habitação para endeusal-a, senão um côro de nymphas a cantar pelos bosques. Porém, seu desejo não vinha siquer a exteriorizar-se, porque, para o tique esverdeado do olhar ou um ligeiro aceno, lhe estavam, sempre, ao redor, ansiosas adivinhas. E esse vigilante captiveiro não lhe permittia, ao menos, desentrançar a cabelleira fulva que, aberta sobre a brancura oval do seu rosto, mravilhava, semelhante a hostia ao raiar do crucifixo. Mesmo os seus moveis pésinhos calçavam-se com muito desvelo, para que não se melindrassem, ao introduzir dos sapatos, a pelle rosea e macia que, ás vezes recebia excitantes caricias.

E Joaquim do Amaral, na intensiva contemplação pela insaciada princezinha do seu lar, todo relicario, julgava-se, na gloria infallivel dos seus direitos materiaes e moraes.

* * *

As impressões recebidas, quando criança, do lugar que nascemos, são muito intensas e amadas. E quanto mais avançamos no tempo, mais se vivificam, parecendo as cellulas-mater da alma, porque, somente, se desfazem com a nossa total extincção. Essas saudades são as raizes da vida, as ultimas a desapparecerem.

De Gentil Pinheiro

Tenhamos melhor agazalho; venham outras distracções; sejamos poderosos; tornemo-nos sabios; mudemos de patria, maior e mais rica, mas, não esqueceremos os quadros infantis que nos rodearam e nos fizeram, saudosamente, affectivos. E elles nos acompanharam até o fim, tal si fossem a sombra risonha e consoladora do nosso verdadeiro e positivo ideal. Porque, de bem alto, nos olhamos como se estivessemos á borda de um lago, vendo reflectirem-se, no espelho das aguas, as phases que, desejosamente, a ellas voltariamos por serem as unicas desenroladas entre a verdade e o amor.

E quando Helena se aquietava um pouco, deitando-se sobre a maqueira balançada, ainda, pelo braço fiel de uma velha escrava que baixinho chorava uma canção, traduzindo a lembrança do seu torrão longinquo e deserto, ella começava a scismar no seu passado, contemplando, como através de um globo a rodar, o mundo que abandonamos e, eternamente, nos chama.

Chegaram-lhe, entristecendo, recordações onde, com intensidade e nitidez, via a tolerante severidade do pae, o ralhante cuidado de sua mãe, a momentanea rivalidade dos irmãos e, depois, todos reunidos pedindo-lhe a fugida das selvas para o regresso ao local em que se fizéra e se adaptára.

Mas, temperamento de voluptuosa vibratilidade, nunca se deixára envolver com a monotonia fatigante dos ermos.

E, de momento, imitando as aves que procuram a amplitude, pulava e dizia ao seu servo favorito.

— Manuel, prepara os animaes que eu quero passear.

O pagem que escolhêra para alterosas e extensas cavalgadas, era o seu perfeito contraste.

Retinto, musculoso, gigantesco e audaz campeador, abalava-se, no seu cavallo, pelas planicies, valles, serras e maiores caminhadas tiraria si não fôra o receio de introduzir Helena nas trevas das noites, porque a matta, nessas horas, parece transformar-se num jogo de apavorantes phantasmas.

Ella, vestida de escura e comprida saia; chapéo alto e duro e rebenque, o acompanhava em agil e grande montada, semelhante a uma Penthesiléa, rainha das amazonas a qual soccorrera aos Troianos, matando a Achilles, que, depois, a chorou e, ainda, feriu Thersita por censural-o de seu arrependimento.

Helena tudo percorria debaixo do horizonte azulado que se lhe recuava quanto melhor avançava com o trotar saltitante e fogoso da alimaria, que a conduzia a paragens vagas, até encontrar amplos e fortes haustos, e, então, poder gozar todo o desbordante temperamento.

Sem companheiro, si não traçár uma rota, entretanto, a collocára ao seu lado, e ella, como perigosa e desnorteada bussola, arrastava-o, com intrepidez, através de riscos e sacrificios. E elle entregava-se aos seus caprichos conforme um adepto de Budha que abandona a propria existencia para entrar no seio aniquillante do nirvana.

E os dois marchavam, por cima de guinadas roliças das bestas, nos ciciantes e regulares cannaviaes que se extendiam, verdemente, em humidas superficies. Depois, elles se aproximavam dos declives dos montes e subiam, em veredas colleantes e ingremes, á mais descortinadora ascenção.

Expunham-se, então, naquelle alto e immoval pedestal identicos a estatuas equestres, em aprumo de elegantes cavalheiros, mas com a disparidade de côres reflectidas pelo escarlate brazeiro de um pôr de sol que os focava, amortalhando-os em catadupas imperdoaveis e vingativas de sangue.

E o crepusculo, a descer, não deixava distinguil-os, porque na augmentativa escuridão, se uniam num corpo robusto e só.

* * *

Nossa personalidade surge com a maior simplicidade. Por isso, dentro de qualquer de nós não reside a féra estranguladora e má.

Ella esbraveja e aniquilla instigada pelo caso que se lhe apresenta.

E' o meio physico o factor natural e necessario á expansão de todas as coisas que proliferam ou morrem. Assim tambem o social para as nossas acções que se expandem e se realçam quando elle se nos defronta. E' sente-se, vibra-se, ama-se, mata-se, deante da scena que sobrevem. A's vezes, surprehendidos, temos o reverso do nosso eu.

Morre a bondade, transformando-se depois, numa severa crueldade.

Si alguns factos não perturbassem a normalidade da nossa conducta, seriamos, sempre, os mesmos, para aquelles a quem idolatramos. Porque tudo por elles renunciamos, porém, muitas vezes, delles tudo roubamos.

E quando nos moldamos dentro de imperdoaveis principios como os dos grandes mysticos que o proprio fogo não destróe, nada nos faz ceder ante o espectaculo onde se invente aquellas austeridades. Ficamos imperturbaveis e inexoraveis.

(Conclúe na pag. seguinte)

RESIGNADA CONFISSÃO

(CONTINUAÇÃO)

Logo, mudamos de attitudes. Concentramo-nos. E o universo, com maldade e revolta, procura-nos, ainda, para sua vindicta, porque, sendo elle generoso em espalhar o bem, o genero humano, em seu egoismo, altera, de quando em quando, a sua directriz.

Desse modo, vinga-se, tomando-nos para temível e executante instrumento.

E transforma nosso coração com tanta indifferença, que, mesmo no martyrio, elle não se apieda, siquer, da sua propria miseria.

Na metamorphose sumiram-se os resquicios da benevolencia, como si passasse nelle um furacão removedor e estéril.

E realiza-se o inverso das leis naturaes. A morte substitúe a vida. Tudo se perde, ao redor de nós. Talvez nós mesmos. E' quando a theoria de Schopenhauer se torna uma realidade. "O mundo como vontade e representação". Segundo o nosso estado é como elle se manifesta.

E, por isso, a fazenda "Nova Esperança" exhibiu-se, numa occasião, bruscamente, ao seu dono, num revoltante contraste.

Para Joaquim do Amaral, amortecendo-lhe a alma, amortecêra, tambem, aquelle vivido scenario que lhe prendêra em vibrações continuas, desde o seu nascer até a idade onde tudo palpita num mixto de prazer e sonho. E era dentro desses aspectos que se lhe baloiçava, em castanholadas de riso, a verdadeira "Esperança".

Mas, revelaram-se-lhe, ao envez de luz e alegria, sombras e tristezas.

E um cemiterio deparou-se-lhe. Elle, porém, não chorava, em frouxos de pieguices, lagrimas de melancolia, mas a revolta borbulhante das suas veias e a punição secular dos seus honrados maiores que lhe exhortavam, através das licções, um exemplo inexoravel de castigo.

* * *

O supplicio de um homem que comprou uma imitação garantida.

O sol estava, horizontalmente, brilhando. A claridade não passava, em reflexos de ouro, da copa das arvores, do meio das montanhas e dos telheiros avermelhados. Dahi para cima, enxergava-se, apenas, o brilho na vastidão azul do espaço. E o grande astro girava, movido pela mão do poderoso mecanico que não o elevava além daquellas alturas, para que a intensidade do calor lavasse, somente, a parte lateral e média das coisas. Mas, depois, o alçaria, lenta e gradativamente, ao aureo esplendor do zenith e mais tarde o desceria para fazer toda a sua benigna rotação.

Fôra nessa diurna transparencia que appareceu muito ao longe, na estrada, um viandante todo de preto, num animal todo branco.

E elle, ao approximar-se, alegrava-se na luminosidade da manhã e no panorama que descortinava uma pinturesca prosperidade.

Aquelle individuo vinha em frente a outro que se encontrava, insipidamente, parado.

Defrontaram-se. Do recemvindo partiu um cumprimento salutar e bonacheirão. Daquelle que, além, e fixava, um triste e sêcco bom dia.

Era um padre quem chegava e Joaquim do Amaral quem o recebia.

— Dá licença, meu bom amigo, que repouse um pouco em sua casa? Logo que o sol decline, proseguirei.

— Fique á vontade, reverendo, e demore o tempo que quizer.

* * *

O homem da igreja descançaria para almoçar e, depois, partir.

E porque se agitára, desde o preludio da madrugada, pelo duro choutar de um burro, ambicionava socêgo.

(Continúa no proximo numero)

UM FREGUEZ EXIGENTE — O senhor não se incommodaria de vir daqui a oito dias? E' quando começamos o balanço...

FRANCISCO CARDOSO FILHO (Rio Grande do Sul) — Meu caro o sr. perdeu o seu tempo e o seu latim. Era mais facil enviar-me novamente os seus trabalhos, porque assim eu ficaria sabendo do que se tratava. O sr. não o fez. E enviou-me esta carta, á maneira de outros collaboradores menos habeis e menos avisados:

"Caro Yves. Saudações. Ha um mez tive o prazer de enviar-lhe uma carta e alguns trabalhos meus para o seu abalisado julgamento.

Essas remessas foram feitas sob registro, entretanto nos quatro ultimos numeros de "Fon-Fon" não encontrei uma só palavra a respeito da carta e dos trabalhos.

Por este motivo, apoiado nas palavras do presado critico, continuo esperando qualquer resposta. Formam o alicerce do edificio "Saibam Todos" as seguintes palavras: "Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica".

Pedi-lhe com bastante clareza o julgamento de dois trabalhos literarios e Yves nem ao menos accusou a recepção dos mesmos; não causou-me porem grande decepção esse facto diante de alguns conceitos seus publicados no ultimo numero de "Fon-Fon": A illusão dá-nos o prazer de suppor que o mundo não é máo e que os homens nem sempre são ruins". No caso porem, eu fico com Maeterlinck, desejando saber antes de tudo a branca realidade. Ficaria com Yves si alimentasse a illusão de que os trabalhos são bons, mas chegaram atrazados ou foram extraviados pelos Correios... Coitados dos Correios...

Sem outro motivo, rogando-lhe resposta, reafirmo-lhe os meus protestos de alta estima e grande admiração.

O Atto. Cdo. Obdo.

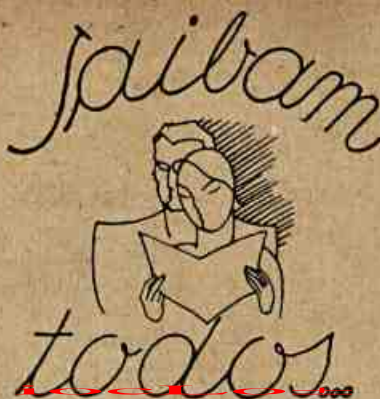
Francisco Cardoso Filho"

Ora, é vontade de atrapalhar as coisas, não acha, caro poeta?

OLIVEIRA VALENÇA (Pernambuco) — A sua carta é muito judiciosa. Vejamos o que me escreve o sr.:

"Snr. Yves, Deixe-me, meu caro, começar por onde devo começar, sem o banalissimo modo de elogiar os seus livros e o seu talento, porque francamente, é um artificio que não uso.

Posso, no entanto, dizer que gostei delles, e de "Uma garçonne carioca" principalmente. E' adoravelmente realista. Sómente.

Eu sei que não é porque eu proclame a sua intelligencia, que ella se torne conhecida pelos outros.

Sou tão mediocre... mas tenho vontade de não sel-o. Isso é já um pouco louvavel, não acha? Por isso talvez é que admiro o talento dos outros.

O mal de todos nós, jovens, é uma falta de confiança em nós mesmos.

Se alguem nos disser, por exemplo, que é inutil escrevermos, só por isso deixamos de alimentar esse sonho, essa aspiração? Oh! Não.

E' assim que eu penso, isto é, assim hei de pensar daqui por deante.

E, creio, Yves, que você será indulgente com a minha esperança. Não me desanime logo.

E' um mal de vocês, criticos, essa intransigencia inabalavel para com os jovens que começam a escrever. O que deviam antes fazer, era aconselhar com bons modos, ensinar, mostrar onde ha mal estylos, idéas incomprehensiveis, e quando o fizessem, conservassem a calma e a boa vontade, para quem, como nós quer aprender.

Porque, Yves, se falharmos a primeira vez, se nos ensinassem — quem sabe? — não falhariamos outra vez. A arte não é tão difficil, assim. O que é difficil é deixarmos, nós homens, de ser idiotas. Mas, como vocês fazem? Jogando fóra nossa força de vontade, nossas ansias, e nossos desejos de produzir alguma cousa?

E não pense que eu desanimarei logo, nunca. Sempre fui persistente.

Ahi está, sr. Yves, o que eu queria que você soubesse, para poder lhe recommendar meus dois trabalhos, que acompanham esta carta. Julgue-os com benevolencia, se for possivel. Podem não agradar, mas são sinceros. Espero suas ordens e seus conselhos. Responda para d'Elfo-Pernambuco. Publique-os se for possivel. Se for bem succedido, continuarei com alegria.

Disponha de um amigo que o admira, e que se orgulha de tel-o por coestadano.

Até breve:

Oliveira Valença Junior"

O que tenho a dizer ao sr. é muito simples: — si eu fosse me consagrar a essa obra de beneficencia litteraria, emendando e aprimorando aquillo que os outros fazem de ruim e submettem á minha apreciação, é claro que não faria senão perder tempo, sem ter a recompensa merecida.

Afinal de contas, os srs., que se dizem principiantes, suppõem que nós outros, redactores de revistas, só temos uma obrigação: — trabalhar pelos outros e nada receber.

Não é muito logico, meu prezado poeta.

Agora, si o sr. me pede fazer justiça, tão somente, a coisa muda de figura. Justiça eu lhe farei. E a de agora é declarar sem rebuços: — o sr. possue qualidades de poeta. Mas, por ora, nada realisa digno de aproveitamento.

NORBERTO DOS SANTOS (Capital) — Olá! Eis aqui mais um poeta. E como os outros, tambem deseja merecer o favor de lhe publicar os poemas, dedicados, certamente, á garota.

Aliás, pela simples carta que me dirige, vê-se logo a especie de poeta que é o sr.. Mas, vamos, mesmo assim, á missiva:

"Caro Yves. Cordiaes Saudações. — Perdoe-me a ouzadia de vos roubar o vosso precioso tempo com este meu trabalho que ségue junto.

E' com certo acanhamento que vos peço a especial fineza se possivel for, corrigil-o, de algumas falhas, caso esteje em condições de ser publicado. Caso contrario peço-vos desculpas, porque sou um novato.

Sem mais sou um vosso admirador pelas folhas do "Fon-Fon" na collaboração de "Saibam Todos" donde tanto apreclo a vossa fina critica.

Rio de Janeiro — Ipanema — D. Federal.

Norberto dos Santos"

E os versos? E os versos que o immortalizarão, aos olhos da *pequena*?

Vejamol-os. Elles aqui vão, sem tirar nem pôr:

VOAR

Dedicado a L. A.

Voar... Voar... ser um nautico [do ar
. . . .
Desprender-me a miseria ao mundo
Nas asperezas de um solo fecundo
. . . .
Na leveza de um veo de loucura
Passar por entre brumas opalinas
Entre jorros de luz tão cristalinas
. . . .
Soltar-me inda desta argila negra
Que calcando almas nas asperezas
De uma luta titanica e brutal...
. . . .

Ceifa de horrores sombras inne-
[grecidas
Passam em lamentos, convulsões
[de vidas
Ruinas de vicios germinando o mal

. . . .

Vejo lazaros a exhibir chagas
Seguida após de legiões famintas
Dantesca horrivel de um cativeiro
[crú...

. . . .

Vultos sem vestes a esconder na
[sombra
O pudor d'alma que a luz não sinta
A materia, a lama de seu corpo nú

. . . .

Voar... Voar... ser um nautico
[do ar

. . . .

Que num arranco de almas e cla-
[mores
Fugir da vida a todos esses hor-
[rores

Di Santis.

A. M. C. (Capital) — Na impossibilidade de responder directamente para a sua residencia, visto o meu tempo ser excassissimo, — (seria mais pratico fornecer-me o numero do seu telephone) — decedi publicar aqui a minha resposta á sua consulta.

1º — O grande mestre da grafologia é indiscutivelmente Crépieux-Jamin. Seguem-se outros, como Salberg, Rochètal, Astillero, Solange Pollat, Desbarolles (aliás muito mystico) e outros que, naturalmente, serão aconselhados nos tratados mais conhecidos.

2º — Relativamente aos typos de letra a que se refere, devo dizer que não é facil definil-os e classifical-os pelos simples esclarecimentos que me envia. Ha grafismos que exigem exame meticuloso á luz de lentes fortes, afim de que lhes possam observar as *nervuras*, a coagulação de tinta — o que fórma, ás vezes, um verdadeiro systema orographico — e outros detalhes curiosos.

No caso das palavras *direcção, barco, velho, encrencado*, que é que V. Ex. observa? O modo porque são escriptos — segundo o texto de sua carta, — ou a *direcção*, o *movimento*, a *intensidade*, a *fórma*, a *continuação*, etc.?

Em grafologia tudo isso tem o seu valor classificado. Percebe?

Creio que deseja saber o que exprimem as letras *r, e* e *t*, de acordo com o desenho que fez. Não é isso?

Ora o r e o e, conforme se lê na palavra escripta por V. Ex. não é commum em grafologia. A palavra *direcção* e as seguintes devem apresentar a mesma morphologia das letras em questão. Mas, si ellas apparecem isoladas nas palavras citadas, divergindo da estructura das demais, indica grafologicamente: *pretenção, desejo de chamar a attenção sobre si, originalidade* ou *fatuidade* — segundo o grau da letra — que será harmonica ou desharmonica — superior, quanto ao ramo da intelligencia cultivada ou ao ramo da incultura, que denuncia.

O *t*, a que alude, — conforme o conjuncto da escripta, — pode traduzir *vontade forte* e *continuada*, ou simplesmente *capricho, vontade fria e persistente*. O *d*, em fórma de *a*, só tem um aspecto apreciavel: é o lado esthetico. E' o *d* dos esthetas e dos mysticos — se a haste superior se prolonga. Nas letras *inclinadas, médias* e *fortes*, esses valores soffrem ligeiras alterações, dependendo tudo da observação do grafologo, que estabelecerá a relatividade existente forçosamente entre uns e outros.

A letra inclinada revela: *sentimentalismo, affectividade, emotivismo passionalidade* e *desequilibrio mental*. Mas essa inclinação só pode ser medida pelo graphometro.

De onde se conclue que uma letra inclinada pode ter muitos valores. A *média* não é classificada por todos os tratadistas. Alguns dizem apenas: *equilibrio mental, senso de proporcionalidade, circumspecção*, etc.

A letra *forte* (*barde, appuyée*, em francez, *pesante* em italiano) na opinião de Salberg: est l'indice d'un tempérament sanguin; avec un ensemble supérieur elle dit simplement le besoin de dépenser les forces vitales; c'est généralement la marque d'une santé vigoureuse, engendrant des tendances matérielles. Avec un ensemble inférieur, les traits appuyés révelent la grossiéreté qui peut aller jusqu'á la brutalité."

V. Ex. é moça de fortuna, eu bem o sei, pois a conheço de nome. E' figura da alta sociedade. Por que não perde o amor a uma centena de mil réis, e não toma um professor de graphologia? E' tão facil! Ajude os promptos, sim?

Vejo, pela sua grafia, que V. Ex. é demasiado economica. Por favor! Para quem tem tanto dinheiro, isso não é virtude.

SANTINO GOMES (Ceará) — Muito bem. A confusão que se fez com o sr. explica o tumulto de correspondencia que invade esta secção. Mas a sua carta porá os pontos nos i i...

Lá vae ella:

"Meu caro Sr. Yves. Saudações. Infelizmente andamos aqui sempre atrazados com as revistas e jornais do Rio. Acresce que o campo me teve por algum tempo, no repouso da sua calma e do seu silencio, onde não chega sequer o éco do que vai nos grandes centros de civilização.

Abstive-me de livros e de letras e, nesta quadra de sêca, fiquei apenas em contacto com a realidade dolorosa das arvores requeimadas e despidas, de braços nodosos alevantados, como no desespero de grandes forças vencidas.

Só agora, portanto, soube de *Maria Lucia* entre mim e Yves. A ela devo um agradecimento e uma explicação. Desvanece-me o interesse que tomou por mim a gentil criaturinha. Mas, se ha alguem que mereça a sua censura, aliás temperada de confeitos, como quem belisca para acarinhar, esse alguem sou eu. *Maria Lucia* ha dois anos atrás, se bem me recordo, chamava-se *Nuvem*. Acompanhou o incidente que provoquei com o diretor de "Saibam todos" e até agora não nos perdeu de vista. Gabo-lhe a constancia, neste particular, e quanto á curiosidade, já se sabe, é feminina.

Maria Lucia deve lembrar-se de que após o rompante do Yves, em resposta a uma carta pouco amavel de minha autoria, vieram á lume nas columnas de "Fon-Fon" e "Selecta" varias producções minhas. Admirei o cavalheirismo do Yves. E toda a minha zanga se desfez vendo que êle não agia ao influxo de "parti pris". Escrevi-lhe agradecendo a atenção e em homenagem ao triumfante autor de "Uma garçonne carioca", livro que se torna dia a dia mais lido e apreciado, quis tambem render a minha homenagem ao distinto escritor Bastos Portela e dediquei-lhe o conto de que *Maria Lucia* não gostou. Muito lamento, *Maria Lucia*, que lhe não fosse do agrado a minha ultima producção. Espero maior felicidade para o futuro. Tivesse sempre a dita de agradar a *Maria Lucia* e estaria satisfeito com o meu destino literario.

Resta-me desfazer ainda um engano: Martins d'Alvarez não é pseudonimo meu. Antes o nome de distincto poeta cearense, autor do belo livro de versos "Chôro verde" e que nos promete para breve uma novela intitulada "Quarta-feira de cinza".

Sem outro assunto.

Menor amo. cro. obro.

Santino Gomes de Matos".

YVES

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:
Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone 2 - 4136

FON-FON — 3-9-932

Data da consulta ....

Nome da consulente ....

....

OPERAÇÕES NO CORAÇÃO

AS NARRATIVAS officiaes da guerra européa contêm descripções medicas de supremo interesse para o profano.

* * *

Um soldado de cavallaria, ferido por uma bala, seguiu para a ambulancia e perdeu os sentidos. Uma photographia de raio X mostrou a bala na borda interior do coração. O paciente viveu dois me es assim. Depois foi operado. Abriu-se o peito e a bala foi extrahida com um forceps. O coração resentiu-se alguma coisa e o pulso faltou momentaneamente.

* * *

Um homem foi admittido no hospital havendo apanhado um ferimento de skrapnel. A bala metteu-se na parede do ventriluo esquerdo e foi retirada com uma cureta. A cavidade foi tratada com puro acido carbonico. O paciente restabeleceu-se logo.

* * *

Um soldado com um grande ferimento no peito mostrou um rasgão na membrana que envolve o coração e tambem ferida no coração.

Esse ferimento foi cosido com catguto numa agulha curva, entrando a agulha meia pollegada das bordas do ferimento. Foi bem succedida a operação.

* * *

Um soldado que teve o coração varado por uma bala de rifle collocado junto de seu peito viveu muito tempo.

O MAIS DUCTIL DOS METAES

SI O OURO fosse tão commum como o cobre, estanho ou mesmo a prata, seria de grande emprego commercial, pois possúe predicados excepcionaes. E' extraordinariamente ductil. O ferro não póde ser feito em fio fino; quando chega a certa finura é tão fragil, que não se presta para trabalho algum. Póde-se fazer fio de cobre muito pouco mais grosso que um fio de cabello humano, mas o ouro supera-os nesse sentido. Um só grão de ouro se desenrola num fio de 500 pés de comprimento; uma onça de ouro daria 48 milhas de fio!

O ouro póde ser batido em folhas de admiravel finura. Com um grão de ouro se faz uma folha de 7 pollegadas por 8, com a espessura de 1—350.000 a parte de uma pollegada. Uma pilha de um milhão dessas folhas não seria mais alta que uma commum chicara de chá.

A ultima maravilha nos trabalhos feitos com o ouro foi realisada ha pouco, quando se fizeram folhas tão finas, que são transparentes.

Laminas de cobre foram mettidas num banho electrico e douradas até apenas se ver a côr amarella. Foram depois retiradas e mettidas em acido nitrico, que no fim de alguns dias dissolveram o cobre e deixaram uma pellicula de ouro tão fina que fluctuava na superficie do liquido.

Essas pelliculas eram de 1—200.000 a de pollegada. Seriam necessarias dez mil dessas pelliculas para obter-se uma folha da espessura das de "Fon-Fon".

BELLEZAS FAMOSAS DA HISTORIA

A belleza de Josephina captivou o coração do grande Bonaparte

"Eu conquisto provincias; Josephina conquista corações." Assim falou Napoleão, referindo-se á beldade crioula de olhos fulgurantes que era sua esposa. Com a intuição propria do seu sexo, Josephina conhecia as fraquezas do marido — e tratou de conservar o seu amor por meio de sempiternos encantos. Mesmo quando, por razões politicas, delle se divorciou, Napoleão escreveu com profunda magoa: "Josephina era de facto uma mulher encantadora; era a deusa da toilette"

A Senhora pode, tambem, tornar-se encantadora com estes preparados de belleza

No seu afan de embellezar-se, a mulher de todas as épocas tem dedicado horas sem fim á realização desse fugaz ideal que é uma cutis perfeita. Hoje, porém, com a ajuda dos preparados de Dagelle, a belleza da pelle tornou-se uma coisa muito facil de obter!

Em primeiro lugar, applique o Creme Evanescente de Dagelle, que emprestará á sua pelle essa avelludada maciez tão necessaria antes de se applicar o pó de arroz e a maquillage, ao mesmo tempo que deixará a sua delicada epiderme protegida contra os rigores do sol, do vento, da humidade e do pó. Depois, á noite, limpe os poros de sua cutis e revivifique-a com uma massagem de Creme Perfeito de Dagelle. De manhã, ficará surprehendida ao ver a sua pelle perfeitamente limpa, sem um só vestigio de rugas. Ao levantar-se, banhe a sua pelle com Vivatone, o tonico revigorante. Vivatone fechará os poros e estimulará a circulação, dando á epiderme o viço da juventude.

Envie o coupon hoje mesmo para receber o Estojo Especial de Belleza que contém estes tres preparados de Dagelle. A senhora achal-os-á indispensaveis para conservar a belleza e frescura da sua pelle.

DAGELLE

Creme Evanescente ~ Vivatone ~ Creme Perfeito

DAGELLE, R. Theophilo Ottoni 44, Rio de Janeiro

Queiram enviar-me um Estojo Especial de Belleza, contendo os tres admiraveis preparados de DAGELLE. Junto envio a quantia de 10$ em carta com valor declarado

Nome..

Rua e No..

Cidade..................................Estado..................................(F F 11)

— Foi aqui neste logar, meninas, que uma moça cahiu n'agua, e um joven rico e formoso, que passava no momento, salvou-a e casou-se com ella...

— !...

INTERROGATORIO

FLORENCE DAWSON: tem certeza de que é esse o seu nome? — perguntou o commissario.

— Florence Dawson — respondeu a mulher, com voz clara e baixa.

— E a senhora é Ignez Favelle? — interrogou de novo o commissario, dirigindo-se á outra mulher parada na tarimba.

— Sim — respondeu ella, claramente.

O commissario tossiu para significar que duvidava seriamente da veracidade da declaração das duas mulheres. Era o commissario o inspector Ryan quem saboreava esse trabalho matinal de ouvir os detidos da noite anterior. As mulheres jovens prestavam interesse á tarefa, sobretudo quando eram bonitas e elegantes como aquellas duas.

Uns vinte detectives, sentados na sombra, ouviam as vozes, e examinavam attentamente as figuras e as caras dos suspeitos, em pé deante das linhas que mediam suas estaturas na parede trazeira da galeria.

— Florence Dawson — disse seccamente o inspector Ryan.

A interessada prestou attenção. Parecia mais velha do que a outra embora não muito. Não era, tambem, tão insinuantemente formosa. Seu ar tranquillo podia denotar reserva, ou talvez fosse o attributo de uma mulher perigosa. Parecia perigosa n'aquelle scenario. A illuminada abóbada de uma galeria policial em que as luzes artificiaes ajudavam ao sol a expôr com impiedosa crueza as feições cavadas por uma noite de insomnia passada sob custodia.

— Foi presa antes, senhorita Dawson? — perguntou o inspector.

— Nunca! — respondeu a mulher.

— E a senhorita Favelle? — interrompeu novamente o policial, depois de lançar um olhar a dois cartões que tinha sob sua vista.

— Nunca!

— Como explica, então, que as joias roubadas da senhora Markiam se encontrassem em seu poder?

— Estavam em meu apartamento, e não em meu poder.

— Como chegaram até ali?

— Isso não sei.

— Não sabe de que modo essas joias avaliadas em cincoenta mil dollars chegaram a sua casa? E, no emtanto, a senhora e Florence Dawson, aqui presente, estavam discutindo a esse respeito quando entraram os detectives.

— Não discutimos por ellas.

— Os detectives affirmam que sim.

— Pois mentem.

O attento auditorio de detectives sorriu. Seus olhos não se afastavam das duas mulheres.

— Ignez — disse o commissario, baixando a voz. — Não chame de mentirosa sua amiga. A senhorita Dawson disse aos detectives que estavam discutindo.

A mais joven das mulheres dirigiu á outra um olhar furioso. Tal era o recurso que o inspector empregou sempre que queria introduzir a desconfiança entre companheiros captivos. Aproveitou a vantagem obtida.

— Si é verdade que não discutiam pelas joias, que homem era a causa da discussão?

— Nunca eu discutiria por um homem — respondeu a moça, rapidamente.

— Você conhecia James Marklam, Ignez?

Florence Dawson dirigiu á sua vizinha um olhar inquisidor.

— Conhecia-o um pouco.

— O bastante para ser conhecida como sua amiga dilecta em todos os *cabarets* — commentou o inspector.

— Isso não é verdade! — protestou Ignez Favelle.

— Muito bem — insistiu o inspector. — Diga-nos a verdade. Onde está Marklam, actualmente?

— Não sei — exclamou a moça.

— Não sabe que foi raptado por seus amigos, hein, Ignez? — perguntou o inspector, furioso. — Não sabe onde o conservam prisioneiro?

— Não sei onde elle está.

— Quando elle lhe deu estas joias, que roubou a sua esposa, para comprar seu silencio?

— Quer, então, insinuar que sou uma chantagista?

— Não. Quero dizer-lhe que o é. A senhora está em relações com um grupo de gente má, Ignez.

O inspector Ryan deixou á moça tempo para pensar nisso, e emquanto ella mordia os labios muito vermelhos, se voltou para a outra mulher.

— A senhora está disposta a reaffirmar sua declaração sobre essa briga entre vocês duas? — perguntou-lhe.

(*Continúa na pag. seguinte*)

— Sim — respondeu ella.

— Sabe que ella é synonimo de uma confissão de cumplicidade?

— Naturalmente.

— Pois bem — disse o inspector, com ar paternal. — Por que não arranjam vocês suas differenças e nos dizem onde podemos encontrar Marklam e esses typos que o raptaram?

As cadeiras rangeram ao peso dos detectives, que se inclinaram para a frente.

— Não conheço esses typos a quem se refere — disse a mulher.

Ignez Favelle lançou-lhe um novo olhar furioso.

— A senhora não teve a ver na-

INTERROGATORIO

(Continuação)

da nesse caso? — perguntou o commissario a Florence.

— Não. Sou apenas uma amiga da senhorita Favella.

— Ha quanto tempo são amigas?

— Uma temporada. Isso porventura, tem importancia?

— Não muito — respondeu o inspector. — A unica coisa que importa no momento é que ambas tinham em seu poder objectos roubados: as joias da senhora Marklam. Como as conseguiram?

— O senhor acaba de nos dizer que James Marklam as deu a Ignez.

O inquiridor fez uma pausa.

— As senhoras moram juntas? — perguntou, depois, á mais joven.

— Ha pelo que se vê, alguma coisa que ella não lhes disse — respondeu a interpelada, altivamente. — Não. Graças a Deus.

— O estado póde remediar isso — disse o inspector. — Talvez as senhoras se encontrem sob o mesmo tecto, no cárcere, si não mudarem de attitude e nos contarem tudo o que sabem.

— Disse-lhes tudo o que sei — respondeu Ignez.

— Isto é, tudo o que tem a intenção de dizer. Muito bem. Responda a uma ultima pergunta. Conhece a senhora Marklam?

— Não.

— Não precisa conhecel-a para roubar-lhe o marido. Não é verdade?

A moça fez um bello gesto de arrogancia.

— Ambas sentirão, talvez, não conhecel-a, durante o desenvolvimento deste caso — disse o inspector. — A senhora Marklam póde ter grande influencia na accusação contra as senhoras e na pena imposta. Lembram-se as senhoras de que se trata de suas joias e de seu marido. O roubo é máu. O rapto, ainda peor.

— Não sei nada do rapto — disse Ignez.

PROCESSO-VERBAL — Seu endereço?
— Caixa postal...

— Não. A senhora e Florence Dawson são duas amiguinhas innocentes, que não andam em más companhias?

O sarcasmo feriu Ignez em seu orgulho.

— Só conheço a senhorita Dawson profissionalmente.

— Oh! Ella trabalha com a senhora nos *cabarets!*

— Não. E' empregada de uma agencia de detectives. Admiro-me como ella não lhes disse isto immediatamente, uma vez que lhes declarei tudo o que sabia.

— Foi uma inadvertencia? — perguntou o inspector a Florence Dawson. — A senhora mentiu quando disse que sua profissão era a de secretaria particular?

— Não.

A hostilidade entre as duas mulheres se fez evidente. O inspector Ryan inclinou-se sobre sua mesa. Sua vermelha cara quadrada reflectia seu contentamento. Sua voz endureceu-se.

— E a senhora não sabe nada a respeito do rapto de Marklam? Não foi sua secretaria particular alguma vez?

— Não.

— Onde elle está agora? Onde o têm sequestrado?

— Não sei quem o sequestrou. Não foram os meus amigos, e sim os della — respondeu Florence, com voz cortante, voltando-se para a joven.

Ignez se conteve. O inspector Ryan deu um murro na mesa.

— Melhor será que conte claro, e agora mesmo — exclamou. — Onde seus amigos, ou os della, ou ambos, conservam preso James Mark am?

— Em Nova-York, segundo creio. Ella o sabe.

O instincto, nascido da longa experiencia, fez com que o inspector Ryan se voltasse instantaneamente para Ignez Favelle.

— Onde o têm? — gritou.

— Ninguem o tem sequestrado — respondeu Ignez, com o odio retractado nos olhos e na voz. — Está escondido em Montreal. Queria que eu fosse reunir-me a elle, lá. Póde ficar ali para sempre, esperando-me. Estou fartas dessas malditas joias, delle e de...

O inspector voltou-se para a outra mulher que estava pállida, mas linda em sua pallidez.

— Florence Dawson — disse, baixando a voz. — O rapto está descartado. Mas a senhora está ainda accusada de roubo, por isso que as joias foram encontradas em seu poder.

Deteve-se um segundo e depois perguntou, bruscamente:

— Qual é seu verdadeiro nome?

— Sou a senhora Marklam.

— Eu já o suppunha — disse o commissario.

J. B. KELLY

Um ladrão, que chega ao paraiso. São Pedro. — Chegas mesmo em bôa hora, homem! Acabo justamente de perder a chave da porta!

SEM EXCEPÇÃO

— E foi sempre meu orgulho, e continúa sendo... — disse o velho senhor.

— Apresento-te ao juiz Raleigh, Bill — falou o gordo Jack, com ar cansado. — E' o socio mais antigo do club. Foi juiz neste districto durante muitos annos.

O velho senhor levantou-se e fez uma reverencia, emquanto Bill, recem-chegado de Chicago, e pouco habituado aquelles refinamentos da sociedade, se limitou a tomar na cadeira a posição de uma gallinha alarmada em seu ninho.

— O senhor está em nossa cidade em viagem de negocios, provavelmente — disse o juiz Raleigh, sentando-se novamente. — Sinto muito que tenha tido de homenageal-o com um espectaculo como o de hoje.

O gordo Jack suspirou.

— Oh, isso não é nada! — exclamou o homem de Chicago. — Peor são as coisas que occorrem em minha cidade.

— No numero de mortes causadas por bandos de pistoleiros, sem duvida — disse o juiz, amavelmente. — Mas eu alludia á facilidade com que os criminosos são absolvidos pelo tribunal. Creio que, si a lei é desafiada e desrespeitada impunemente, o numero dos assassinados não tem importancia. O delicto é o mesmo si se trata de dois mortos como em nosso caso, ou de dez como no ultimo massacre de Chicago. O que estava dizendo é que constituiu sempre um motivo de orgulho que augmenta á medida que mudam os tempos, o que eu possa dizer sempre...

— Escuta, Jorge! — chamou Bill um criado que passava. — Jorge!

— ... que nunca — continuou o velho senhor, valentemente — um criminoso que haja apparecido deante de mim se tenha livrado do castigo merecido, no caso de estar eu convencido de sua culpa.

— Muito bem — disse o gordo Jack. — E agora, Bill, que queres tomar? O mesmo? Eu tambem. Não se deixa tentar, senhor Raleigh?

O velho meneou a cabeça, sorrindo. Depois, erguendo-se, fez uma nova reverencia, para cumprimentar.

— Encantado de o ter conhecido, senhor — exclamou, dirigindo-se ao homem de Chicago. — Estes outros cavalheiros explicar-lhe-ão o motivo de me...

— Não bebe porque foi juiz ha muitos annos — disse o gordo Jack. — Jorge, traze um balde de gelo. Até á vista, senhor Raleigh.

O velho senhor retirou-se alguns passos, collocando-se deante da grande janella que se abria para a rua principal da cidade. Começava a escurecer no salão de fumar, e o homem de Chicago julgou que se havia retirado.

— Quem é o velho?... — começou.

Deteve-se deante de um gesto significativo de Jack, que sussurrou:

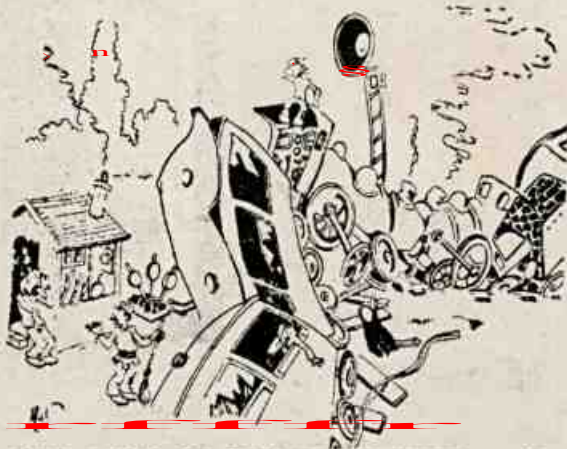
— Um cravo... O homem mais amolador do club. E em voz alta, accrescentou:

— E por falar em crimes, não ouviste por acaso falar do famoso caso de Gibson, nosso campeão na materia?

— Não. Não creio...

— Naturalmente. Faz muitos annos que isso se deu. Mas te asseguro que o caso foi famoso. E' uma longa historia, mas serve para demonstrar que os pistoleiros não tentaram nada. Nem mesmo a prohibição. Sempre existiu uma prohibição de perseguir as mulheres dos outros, e foi isso, precisamente, que Gibson fez, e quando o marido quiz intervir, Gibson o matou. O marido era um idiota, desde logo. Contador ou coisa semelhante. Contractou um casal de detectives, e os tinha a seu lado quando descobriu Gibson. Mas não lhe serviram para nada. Ao vêl-o, gritou-lhe: "Afinal, o tenho". Ou coisa semelhante. Mas Gibson se limitou a tirar um revolver e a dar-lhe um par de tiros. Mais gelo, Bill?

— Bem.

— Naturalmente, Gibson foi preso e allegou tel-o feito em defesa propria. Os dois detectives disseram que o marido não tinha armas comsigo, e o caso passou ao tribunal do jury.

NUM RAMAL DE ESTRADA DE FERRO — Muito bonito o que você acaba de fazer! Eu, agora, que varra toda essa sujeira!...

De F. R. Buckley

"— Com muito prazer — disse elle.

"E foi posto em liberdade sob uma fiança de cincoenta mil dollars. E' claro que os tinha! Era filho do velho Gibson, o rei do petróleo. E tinha tantos advogados quantos era possivel ter... Bem. Quando chegou o dia da audiencia, os jurados não puderam ficar de accordo. Foi marcada uma nova audiencia, e os jurados ficaram novamente em desaccordo. Realizou-se, então, uma terceira audiencia, que deu o mesmo resultado. Varios jurados foram condemnados á prisão de cinco a seis annos, por prevaricação.

"Mas, o mais engraçado é que o fiscal, que estava resolvido a fazer condemnar Gibson, conseguiu uma quarta audiencia. E no meio do processo desappareceu uma das principaes testemunhas, e um dos detectives disse que o marido *havia* tido um revolver e que o outro estava mentindo. Ao mesmo tempo, chegou a viuva, chorando, e declarou que havia jurado falso a vez anterior, pois seu esposo Wills tentára matar Gibson, e este agira em legitima defesa.

"O detective foi condemnado a cinco annos de prisão, por mentiras; a esposa a dois, e Gibson foi absolvido. Que te parece?"

— Mas, falas sério? — perguntou o homem de Chicago.

— Creio que sim! — affirmou Jack. — E o mais divertido do caso é que o juiz da causa foi o velho Raleigh, que ha pouco falava de que nunca... Desculpe, senhor juiz; julgava que se havia retirado.

O velho senhor, que se levantára, olhou severamente para o grupo, e disse:

— Ao contrario, cavalheiros. Peço-lhes desculpa por minha involuntaria imprudencia. Garanto-lhes que foi inteiramente sem intenção. Bôa noite.

E, atravessando o salão, se dirigiu á porta que dava accesso á escada. Ao pé da mesma, emquanto o porteiro encarregado do vestiario procurava o sobretudo do juiz e seu invariavel chapéo de copa, que se distinguia facilmente entre tantos feltros, o homem de Chicago pediu que se lhe déssem detalhes a respeito do final da historia.

— E esse Gibson é o dono actual dos poços de petroleo? — perguntou.

— Oh não! Isso occorreu ha muitissimos annos. O velho Raleigh renunciou immediatamente depois desse caso e já se passaram cerca de vinte annos. O mais extraordinario do caso, porém, é que, após ter gasto tanto dinheiro para salvar sua pelle, Gibson viveu apenas um par de annos e depois foi, por sua vez, assassinado mysteriosamente, com um tiro. Nunca se descobriu o autor do crime. Vingança, provavelmente.

Ao pé da escada, o porteiro estava falando com o velho senhor, que parecia mais distrahido que de costume.

— Sim, uma bella noite — disse o juiz Raleigh, calçando as luvas. — João, soubeste que esses criminosos foram postos em liberdade?

— Sim, senhor. Que pena que o senhor não fosse juiz na causa!

— Sim. Sabes acaso que foi sempre meu orgulho, e o é ainda — exclamou o juiz — que nenhum criminoso que haja apparecido deante de mim, quando eu era juiz criminal, escapou jamais ao castigo merecido, sempre que eu estivesse pessoalmente convencido de sua culpabilidade?

— E' assim, senhor?

O velho senhor olhou attentamente para João. Geralmente, o olhar de seus olhos azues era doce. Mas agora, por um momento, o porteiro ficou surprehendido.

E, emquanto o gordo Jack lançava uma sonora gargalhada no salão de fumar do primeiro andar, o juiz Raleigh apanhou sua bengala e deu um toque final a seu chapéo de copa, com uma pancadinha sêcca. Sêcca como um tiro de pistola.

— Sim, João, é assim — respondeu, energicamente. — Nem um só! Bôa noite.

— O medico do sargento aposentado recommendou-lhe que fizesse um pouco de exercicio...

TINTURAS
DE CABELLOS

A CASA ERITIS é muito conhecida e frequentada pelas senhoras que tingem os cabellos e isto é devido á seriedade e o maximo cuidado que empregamos nessa delicada operação.

Applicações de Henné e Tinturas em todas as cores desde 25$

UMA ONDULAÇÃO PERMANENTE DA CASA ERITIS

CASA Eritis

TELEPHONES: 2—1313 / 2—2608

RUA URUGUAYANA, 78

ONDULAÇÃO PERMANENTE POR ESPECIALISTAS, GARANTIDA 8 MEZES.

PREÇO RAZOAVEL

Mise-en-plis,
Ondulações,
Massagens,
Córtes de cabellos

MANICURE

Especialidade da CASA ERITIS 8 perfeitas Macures para Senhoras.

A ONDULAÇÃO PERMANENTE

Para que fazermos experiencias perigosas, submettendo seus cabellos a uma permanente qualquer, quando a CASA ERITIS, por um preço razoavel e com os apparelhos mais aperfeiçoados, póde garantir-lhe uma ONDULAÇÃO PERMANENTE, perfeita e duravel, ficando os cabellos macios e geitosos, conservando o brilho natural?

A CASA ERITIS é a mais antiga e a mais importante casa do Rio, no genero.

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 36

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 3 de Setembro de 1932

GLOSAS

PREVOST-PARADOL foi um dos principes do jornalismo francês durante o segundo imperio. Embora desejasse subir, era incapaz do menor acto contra a sua consciencia. Nunca houve jornalista mais puro. Cansado dos proprios artificios a que era obrigado a lançar mão para combater o governo, exclamou um dia, desolado, que a arte do opposicionismo era miseravel, que usava della, quando tinha necessidade, mas sentia seu peso. E concluia: "Aquelles mesmos que me louvam por a ter praticado com certo exito não avaliam quanto a desdenho e quanto desejaria ter nascido numa epoca em que me fôsse possivel ignoral-a."

O jornalismo tem faces que horrorizam mais seus proprios pontifices do que o publico. E' que este vê o scenario e aquelles vivem nos bastidores...

* * *

O destino da França é coroar todos os genios, sem distincção de lingua ou de patria. Até Wagner, que se identifica com o espirito alemão tão profundamente que parece detestar a França, recebeu nella sua maior consagração. Depois da famosa representação do *Taunhauser* na Opera de Paris, graças a Napoleão III, em que os applausos da *elite* dominaram os assobios duma *claque*, o creador de *Lohengrin* escrevia a Liszt, dizendo que os materiaes para uma excellente representação lhe haviam sido offerecidos de maneira tão completa que elle *desejava tão somente que qualquer principe allemão lhe désse para levar á scena novas operas o que em França lhe haviam dado*. E terminava, affirmando que o espectaculo de Paris fôra "o unico triumpho que sua arte até então obtivera".

A França sagrou-o, assim, antes da Allemanha.

* * *

Bismarck não fazia muita questão de ser considerado orador. Elle mesmo o disse num discurso no Parlamento prussiano: "Falo um allemão domestico, sou ministro, estadista, diplomata, e pouco se me dá de ser chamado orador. O orador é raramente bom jogador de whist, mais raramente bom jogador de xadrez e ainda mais raramente um homem de Estado solido e seguro, porque deve ter qualquer cousa de poeta, uma impressionabilidade que lhe não permitta tratar a verdade com exactidão mathematica. Um homem friamente reflectido e que pesa as cousas com segurança, exactamente, positivamente, um homem a quem se entrega a direcção de grandes e importantes questões, este não pode ser nunca um orador perfeito. A eloquencia é um dom que, no nosso tempo, exerce influencia superior ao seu valor real." Cavour pensava quasi do mesmo modo.

Entretanto, o nosso atrazo mental ainda dá importancia aos que *falam bonito*...

* * *

Para um dos maiores homens politicos da França de hontem, que passára por tres revoluções e via seus desastrosos effeitos de perto, ellas só servem para augmentar as ruinas, paralysar o senso moral e rebaixar a intellectualidade. Nascidas das declamações ôcas e das criticas systematicas, das ambições repellidas e dos conluios da mediocridade, por toda a parte e cada dia mais demonstram ao espirito calmo do observador que Lamenais estava coberto de razão quando repetia nos ultimos annos de sua vida esta formidavel sentença:

"Os republicanos são feitos para tornar a republica impossivel."

Ha republicas tambem que, reciprocamente, tornam os republicanos impossiveis...

* * *

Quando Napoleão regressou da ilha d'Elba e veiu novamente dormir nas Tulherias, instruido pelo infortunio da inanidade da tyrannia, mandou chamar Benjamin Constant, seu adversario intransigente, e lhe disse:

— Quero agora discussões publicas, eleições livres, ministros responsaveis e liberdade de imprensa. Quero tudo isso e a liberdade de imprensa acima de tudo, porque abafal-a é absurdo!

Elle praticára esse absurdo durante seu reinado despotico e glorioso, mas as reviravoltas da fortuna lhe abriram os olhos. Infelizmente era tarde e Waterloo o esperava emboscada ao fim dos Cem Dias.

Sempre e sempre novos Waterloo esperarão os que abafarem a liberdade de pensamento. E' uma lei fatal, iniludivel.

JOÃO DO NORTE

Rosas de velludo

O desejo impossivel

A noite fria, e a chuva que cáe, rumorosamente, na rua, augmentam em mim, nesta hora de melancolia e de silencio, o desejo de haurir, num beijo longo e voluptuoso, toda a inquieta e amarga fascinação de sua alma. Não sei o que os seus olhos desalentados acariciam neste angustiado momento da minha vida. Não sei o que impressiona, agora, o seu lindo coração de emotiva. Não sei si você pensa em mim, ou si pensa no seu destino de mulher.

Mas eu, sentindo o frio e ouvindo a chuva de agosto, fico integrado na evocação de um instante que durou muito menos do que a esperança desta noite triste. Penetrando no passado, eu vou encontrál-a pensando no futuro. No nosso futuro de legionários de um mesmo ideal, de victimas de um tormento idêntico nas suas manifestações espirituaes.

Era, tambem, numa noite gottejante como esta. A serra escura, que sorvia as luzes da sua cidade mineira, erguia-se deante de nós com o seu perfil opáco recortando-se na bruma de julho.

Da janella onde nos encontravamos viamos os bancos do jardim da praça desertos e molhados como os nossos sonhos de ventura. As arvores pareciam chorar, tambem, na quietude húmida dos seus galhos encharcados. Havia um silencio e uma serenidade impressionantes na paizagem.

Conversávamos sobre a nossa angústia interior, machucando, em phrases lyricas, as desillusões do nosso amôr. Você tinha a voz trémula e o olhar fulgurante de emoção. Falava-me docemente na ansiedade com que esperava, commovida, o seu *instante de felicidade*. Dizia-me que elle havia de chegar, derrotando o impossivel do nosso destino. Suas palavras eram suaves como uma caricia. Sem sorrir com os lábios, você derramava na minha amargura um pouco do seu risonho consolo de mulher. Eu fingia acreditar no seu ingenuo vaticinio. E tentava, forçando o meu desespero, a mentira de um sorriso. Para que não ficasse maior o seu desalento e não morresse a esperança que fulgia nos seus olhos verdes...

Naquella hora de ternura afflicta e de reflexões desoladas, eu já sentia toda a inutilidade dolorosa da nossa illusão sentimental. Suas promessas apenas embalavam o meu taciturno scepticismo, abrindo novos desenganos no meu coração.

Que esforço enorme eu fazia para disfarçar a minha angústia e a minha desconfiança nas suas palavras! Eu acreditava na sua sinceridade, mas não acreditava na nossa ventura. A vida, o soffrimento e a injustiça ensinaram-me a não ter confiança na propria realidade. Tambem no amôr, como no deserto, a gente vê, deslumbrada, o vulto fugitivo das miragens... E eu não creio em tudo o que brilha para a minha sensibilidade e para os meus olhos...

* * *

A noite fria e a chuva que cáe, rumorosamente, na rua, augmentam em mim, nesta hora de melancolia e de silencio, o desejo de haurir, num beijo longo e voluptuoso, toda a inquieta e amarga fascinação de sua alma...

MAURO DE ALENCAR

Antonio Americo e Alvaro, filhos do dr. Salles de Oliveira.

Clarita, filha do dr. A. C. Pacheco e Silva, director do Hospital Juquery e illustre psychiatra paulista.

June Daphne, filhinha do sr. Walter Andrews.

(Photos Rossi - Cerri — S. Paulo).

PAGINA INFANTIL

PHRASES FEMIDIDAS

— O sr. é ingenuo, sr. Romeu. Não é sem razão que traz esse nome lyrico: Romeu. O sr. é um predestinado... Sabe?

Romeu, o lyrico poeta, de olhos morbidos, mordeu os labios, um pouco molestado. E não sorriu. Vérinha, luminosa, encaixada, na malha do seu costume de inverno, vibrou, alegre, no acinte, de uma risada clara. Ageitou os cabellos e fitou Romeu com malicia.

— Você é um predestinado... — repetiu.

O poeta reagiu, com dissimulação:

— Predestinado para as phrases femininas... Não é?

E altivo:

— Ingenuo?! E' uma offensa. Certamente. Mas no juizo de uma mulher bonita...

Uma interrupção de Vérinha:

— Obrigada...

— ...no juizo de uma mulher bonita, nós homens nunca somos aquillo que desejamos ser...

— Ser o que?

— Amados com sinceridade... Aliás, a grande virtude feminina consiste na volubilidade... Etienne Rey assegura: "En amour l'homme change, mais la femme circule"... Circula, sim. Circula como os bondes, que fazem apenas as suas paradas obrigatorias. A's vezes, ellas não obedecem ao signal...

— Deixemos de ironias — bradou Vérinha, meio aborrecida:

E ajuntou:

— Si digo que o sr. é ingenuo, é porque admitte que uma mulher seja forçada a fingir, em amor... Engana-se. Quando uma de nós não gosta mais de um homem, ella lh'o diz, sem rebuços. O amor feminino é claramente extremista. Ou é tudo ou é nada,—como o define Sthendal. De resto, elle é feito de audacias e de medos. Quando uma mulher invoca uma razão qualquer para se esquivar a um compromisso de honra, para faltar a uma promessa firme, ou encontra um impecilho banal que justifique um seu "não", ou um "impossivel", é signal de que ella já não ama.

— E' então a prova do medo?

— Ou da indifferença... Do fastio... Da fadiga... Do desejo de variar...

— E si recorre ás alternativas?

— E' sincera comsigo mesma. Não com o homem. Porque, agindo desse modo, pode dizer *sim*, e querer *não*; e pode dizer *não*...

— E querer *sim*...

— E' logico, caro poeta.

— E quando ella ama?

— E' capaz de todas as audacias. Não recorre a subterfugios. E' leal. E' atrevida. E' insolente. E' quando beija o homem querido, em plena rua, para

UMA GRANDE PIANISTA

Dyla Josetti, nome de grande relevo nos meios artisticos do paiz e do estrangeiro, offereceu, á platéa carioca, um recital que se realizou no Municipal no dia 31 do mez findo. A illustre pianista patricia, que aqui se fez ouvir depois de uma «tournée» pela America do Norte, executou um difficil programma, no qual poz á prova, mais uma vez, os seus raros dotes de grande e brilhante virtuose. E o publico, que encheu a sala ouro e rosa do nosso principal theatro, não lhe regateou applausos, rendendo-lhe assim as homenagens que tanto sabe merecer Dyla Josetti.

Duas phases sensacionaes do grande «match» realizado domingo ultimo, no campo do Fluminense F. C., entre este club e o Botafogo F. C., para disputa do campeonato de football da cidade. Uma «scrimage» ás portas do «goal» do Botafogo, em cima. Em baixo, uma brilhante defesa do «keeper» do glorioso alvi-negro.

Resurreição

Á Idolatrada

Luto e silencio havia na minha alma
e era o meu coração tapéra triste,
quando, radiosa e linda, tu surgiste,
trazendo-me confôrto, e luz, e calma.

Eu me sinto feliz. A dôr que viste
nos meus olhos cansados já se acalma:
o cypreste feral trocou-se em palma
e, para mim, só alegria existe.

Aquelle amargo tom com que eu falava
todo se fez calôr, e força, e lava,
todo se fez canção, perfume e côr!

Aquella voz rouquenha a voz do vento
levou-a, e não se escuta um só lamento
no hymno de fôgo deste immenso amôr!

Firmeza

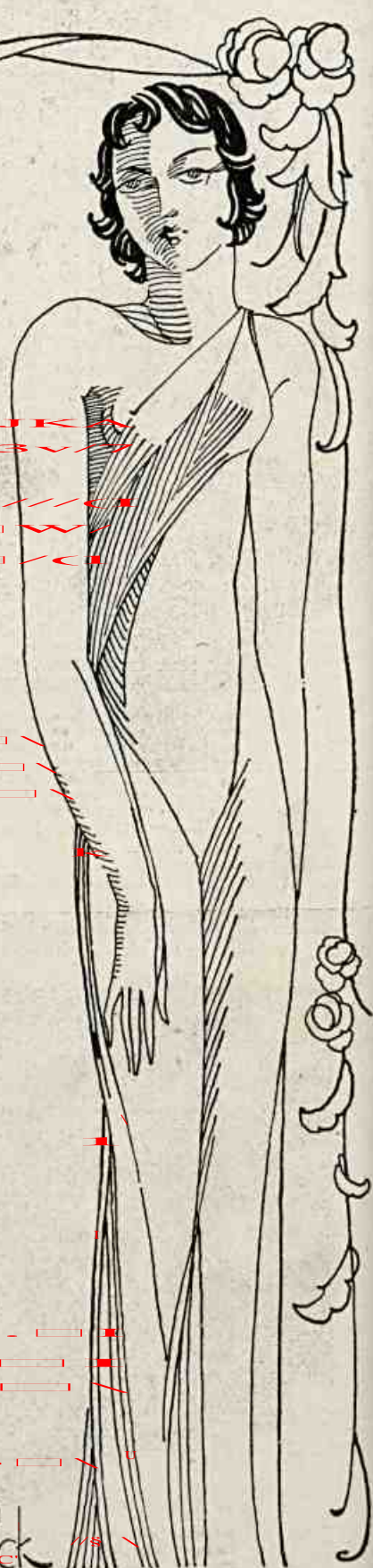
Não faças deste amôr uma aventura,
mas nelle reconcentra a tua vida;
porque felicidade é o que perdura,
e o que passa, inconstante, é um mal, querida!

Uma illusão é uma illusão perdida;
e a realidade deste amôr, tão pura,
não póde achar momento de partida,
nem de quebrar a tua e a minha jura.

Eu não quero ser luz, quero ser astro.
Tu não deves ser brisa, mas ser mastro
que lhe resiste ao tépido sopor.

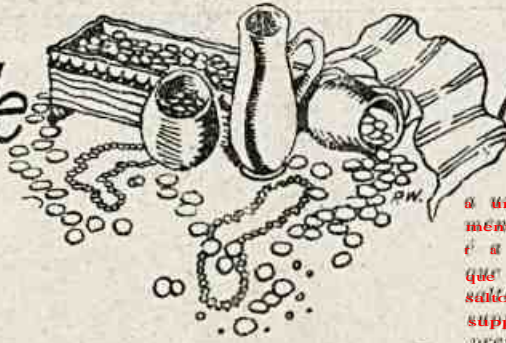
Eu, como o bronze, sou de firme aspeito.
Tu, sól, derrete a neve de meu peito
e fecunda a raiz de meu amôr.

Sylvio Julio

ILLUSTRAÇÃO de PAULO WERNECK

Por motivo da passagem do anniversario natalicio do dr. Octavio Mangabeira, figura grandemente estimada em nosso meio, a Irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens promoveu, sabbado passado, uma expressiva homenagem áquelle illustre brasileiro, actualmente na Europa, fazendo celebrar, em seu bello templo da rua da Alfandega, solenne missa em acção de graças, a que compareceram, além dos representantes da Irmandade, membros da familia, amigos e admiradores do ex-ministro das Relações Exteriores. O nosso «clichê» fixa um grupo das pessôas que estiveram presentes ao officio religioso do ultimo sabbado, vendo-se ao centro o dr. João Mangabeira e outros parentes do dr. Octavio Mangabeira.

SABEDORIA

A grande belleza parece-me mais digna de ser evitada do que procurada no casamento. A belleza, com a posse, desapparece promptamente; ao cabo de seis semanas ella não representa mais nada para o seu possuidor. Mas os perigos duram tanto quanto ella. A menos que uma bella mulher não seja um anjo, seu marido, será o mais infeliz dos homens; e quando ella fosse um anjo, como poderia evitar que os inimigos o cercassem sempre? — J. J. Rousseau.

Aspecto do ultimo «pastel», ou almoço mensal em que se reúnem, numa hora de camaradagem jornalistica, os nossos collegas do «Jornal do Commercio». Esse pastel foi o primeiro que se realizou depois do incendio que destruiu parcialmente o edificio do velho orgão da imprensa brasileira. Berilo Neves, Heitor Beltrão, João Luso, Eduardo Tourinho, Odylo Costa e Ary Franco disseram coisas alegres durante a comida, sendo vivamente applaudidos.

Caverna de Ali Babá

Dr. Jorge Duarte Ribeiro, que acaba de collar grão, na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, depois de um curso brilhante em que alcançou notas distinctas.

A GUERRA

Joseph de Maistre declara a guerra divina por si mesma, pela gloria mysteriosa que a rodeia e pela attracção inexplicavel que a ella nos impelle, pela protecção fatidica dos grandes chefes guerreiros, raramente feridos nos combates, pela maneira como se declara e pelos seus resultados, pelas direcções inesperadas que toma e pelas suas consequencias que escapam ao pensamento dos homens.

Victor Cousin, baseando-se em de Maistre, explica porque a guerra é divina desta sorte: porque toda a virtude duma nação vae ao campo de batalha, porque a superioridade moral decide da victoia, que é a sentença de Deus e da civilização contra um povo.

Chateaubriand glorificou a guerra, comparando-a com a morte sem gloria de todos os dias. Cesare Balbo, olhando o retrato do filho morto em combate, disse que considerava erro moral e philosophico considerar a guerra como uma desgraça e a paz como uma felicidade. Ha pazes desastrosas, affirma, e, sem sacrificio de vidas, nada se faz de grande, nem mesmo de commum no mundo, que só caminha pelas vidas sacrificadas. O rei Guilherme da Prussia achava a guerra uma reforma necessaria aos povos.

Para Tocqueville, a guerra alarga o pensamento dum povo e exalta o seu caracter. Napoleão via nella a *força moral* em *progressão geometrica* sobre a força physica. O Proudhon exclama que ella é o "*phenomeno* mais *profundo* e mais sublime de nossa vida moral, ao qual nenhum outro póde ser comparado, nem os actos do poder soberano, nem as creações gigantescas da industria. Para elle, a guerra dá, nas harmonias da natureza e da humanidade, a nota mais poderosa, relampago e trovão, genio e audacia, poesia e paixão, suprema justiça e tragico heroismo, majestade que espanta e enthusiasma, explosão da maldade innata do homem, manifestação das coleras celestes, justiceira e disciplinadora, força que erra o direito e fórma onde se moldam os maiores typos de dignidade viril.

O dr. Aderbal de Paula Salles, medico e escriptor cearense, cujo livro «Intenções», apparecido em 1931, a critica louvou com a sympathia que lhe mereceu o seu autor, vae publicar, ainda este anno, um volume de contos intitulado «Mulher alheia», e tem prompta para entrar no prelo uma obra de sciencia — «Tuberculose e terreno», em que fixará o resultado dos seus estudos nesse ramo da medicina.

A propria guerra civil tem seus grandes defensores. Eis a opinião fundamentada dum delles:

Emilio Ollivier, quando trata do Mexico, na sua monumental obra L'Empire Libéral, escreve estas palavras: "A guerra civil não é a peor calamidade que possa affligir a uma nação, porque ella é movimento, fé, vida. Muito mais nefasto é a inacção covarde ou sceptica que soffre sem reagir todos os assaltos dos partidos audaciosos e supporta as dominações que despresa. Todavia as guerras civis não são todas da mesma especie. Ha dissolventes, como as da Polonia ou da Fronda, porque nellas os homens se dilaceram por simples competições de cupidez. Ha salutares como a Liga, a Revolução Franceza e a Seccessão americana, porque fôram accesas por paixões da alma, por ideas e pela civilização."

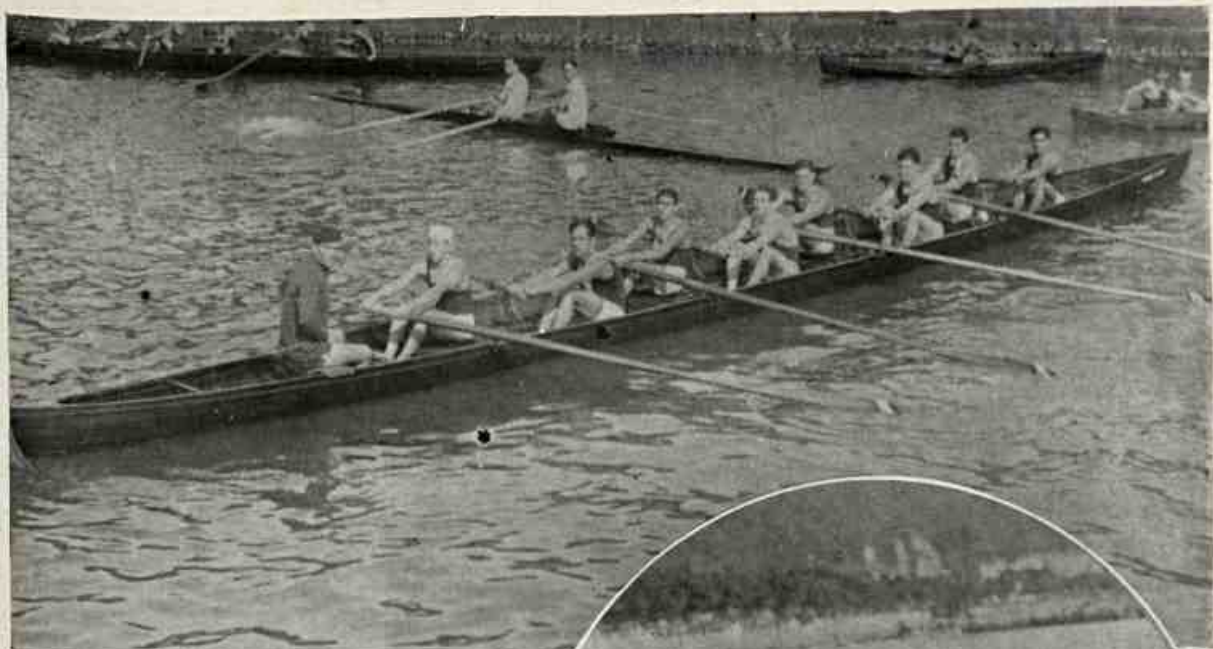
Essas palavras merecem ser meditadas.

BISMARCK E MACHIAVEL

Segundo o pensamento profundo de Bismarck, o facto dum homem de Estado não ter fé nem lei, de enganar a Deus e ao mundo, desde que se não apoiava em grandes qualidades de espirito e de caracter pessoal, só o poderia levar ao abysmo, porque somente as incorrecções moraes, na orbita dos negocios politicos, não bastam para fazer um grande estadista.

Assim de vê, segundo a opinião irreputavel dum Technico no assumpto, que não é Machiavel quem quer, mas quem pode. Aliás, o autor do O Principe requer para o seu prototypo de chefe de Estado um individuo com certas e determinadas qualidades, fóra do commum, de intelligencia, de capacidade e de coragem. Os que as não possuem são Machiaveis de papelão...

Sésamo

O dr. Murillo Costa é um dos modernos espiritos da nova geração pernambucana e figura de larga projecção nos acontecimentos de 1930. Culto, estudioso, temperamento de combate, o dr. Murillo Costa, que pertence á turma deste anno, da Faculdade de Direito de Recife, acaba de terminar o seu curso com o maior brilhantismo.

Promovida pelo Club Natação e Regatas, realizou-se domingo passado, na enseada de Botafogo, uma grande tarde náutica, em que tomaram parte, collaborando brilhantemente no exito do «meeting» sportivo, varias das nossas sociedades de remo.

A TRAGEDIA...

Um sujeito magro e esgrouviado, com os olhos laivados de sangue, entra em um botequim e, batendo raivosamente com os punhos fechados na mesa, grita:

— Depressa! Depressa! Dêm-me um chope e duas sandwiches, antes que se consume a tragédia!

O criado serve-o, espantado. Elle bebe e come rapidamente. Depois, repete mais tres vezes a mesma cousa.

Com quatro chopes e oito sandwiches no bucho, respira e se acalma. O dono do botequim approxima-se delle e lhe pergunta:

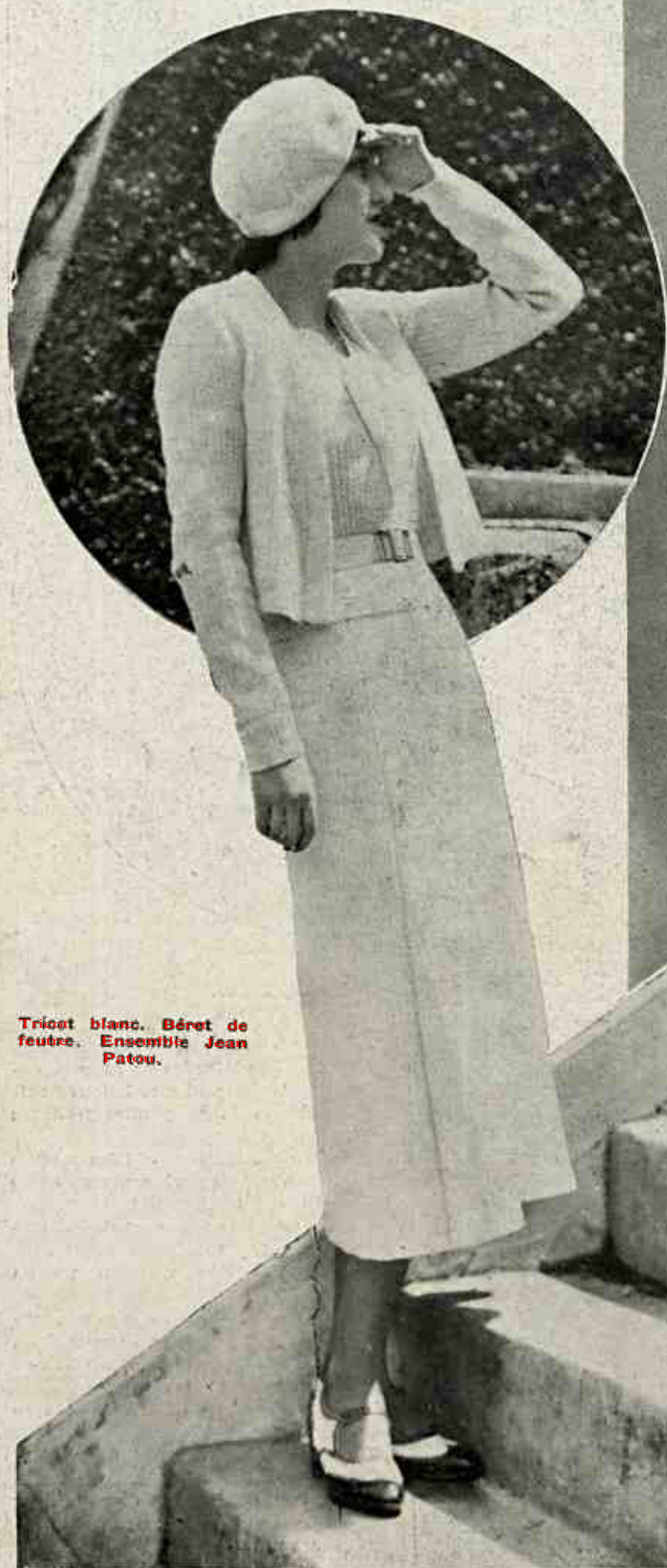
— A que tragédia se referia o amigo?

O homem sorri satisfeito e replica:

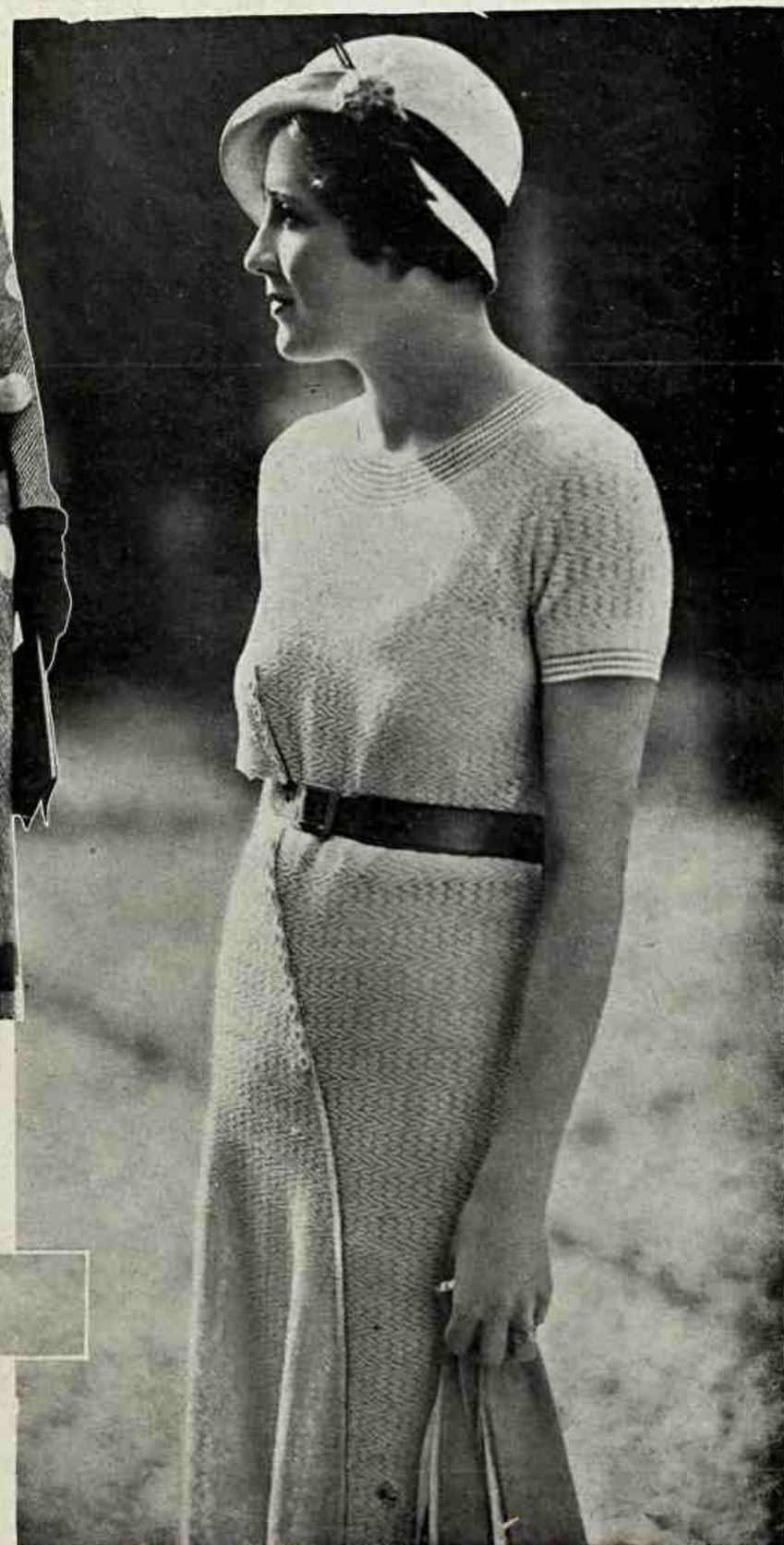
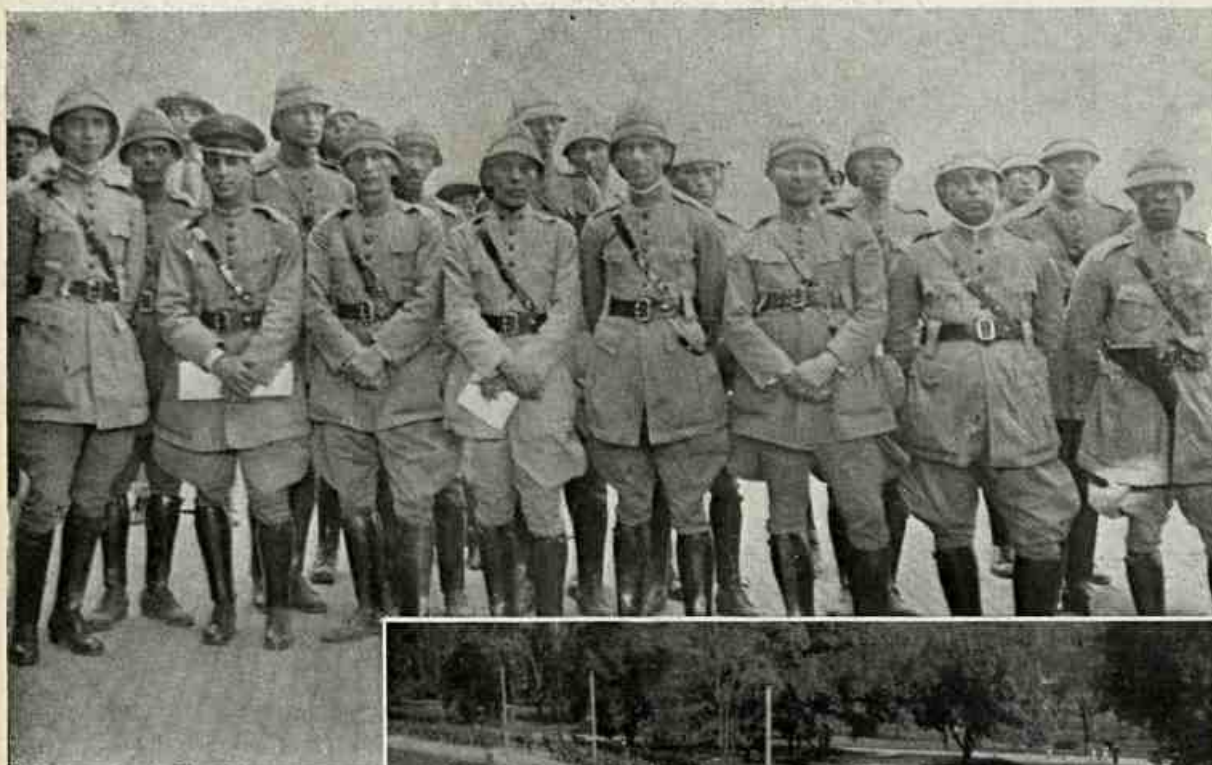
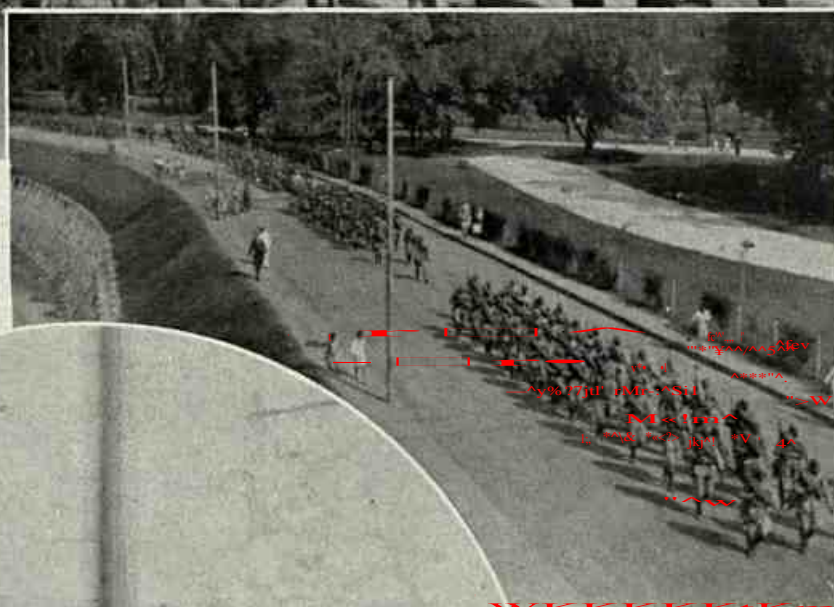
— A qual ha de ser? A que agora se vai dar quando o senhor verificar que não tenho com que pagar o que bebi e comi...

A MULHER CHIC

Creações Jean Patou

(Photos especiaes da Casa Jean Patou, de Paris, para FON-FON).

Tricot blanc. Béret de feutre. Ensemble Jean Patou.

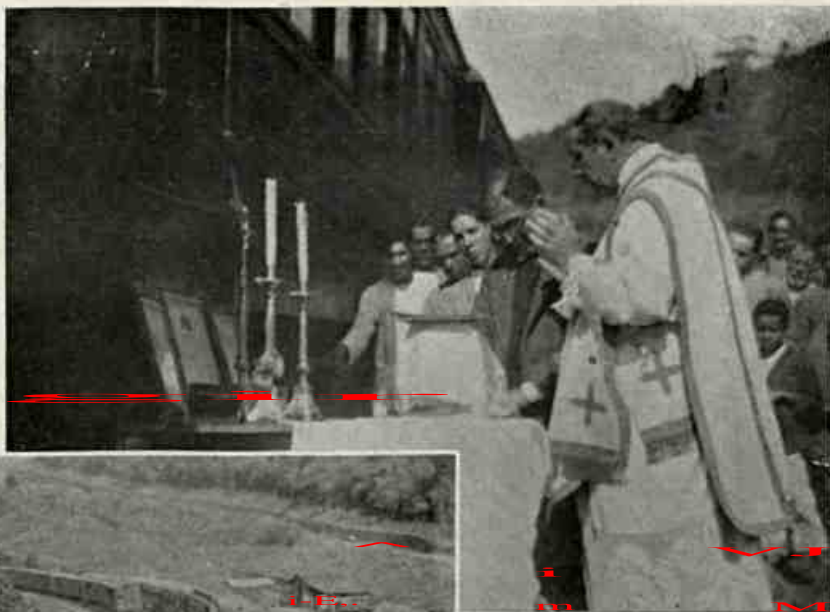
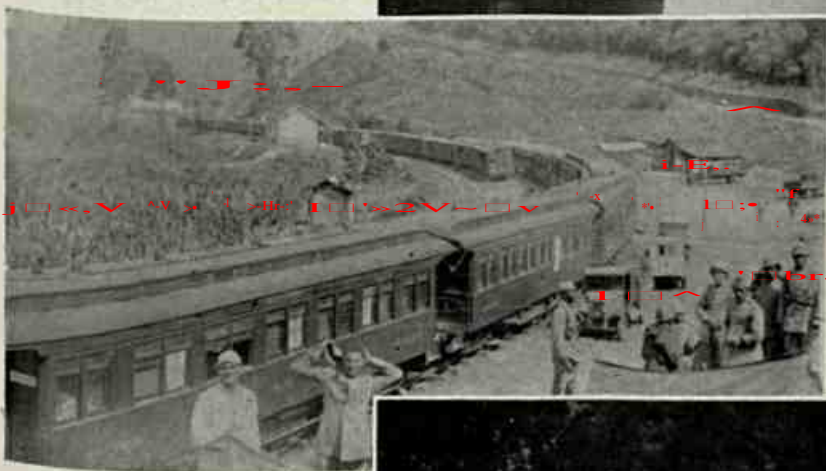
Robe de crêpe imprimé marine et blanc. C... brillante blanche ruban marine ... paille.

Flamenga imprimé marine et blanc.

Jersey fantaisie blanc. Panama blanc, gros grain marine. Ceinture marine.

A REVOLUÇÃO
EM
MINAS GERAES

Esta pagina offerece tres aspectos tomados por occasião do embarque, em Bello Horizonte, da Companhia de Guerra da Guarda Civil daquella capital que seguiu para o «front». A officialidade dessa milicia. O desfile dos soldados pelo viaducto. E as altas autoridades do Estado em companhia do commandante e officiaes da C. G. G. C.

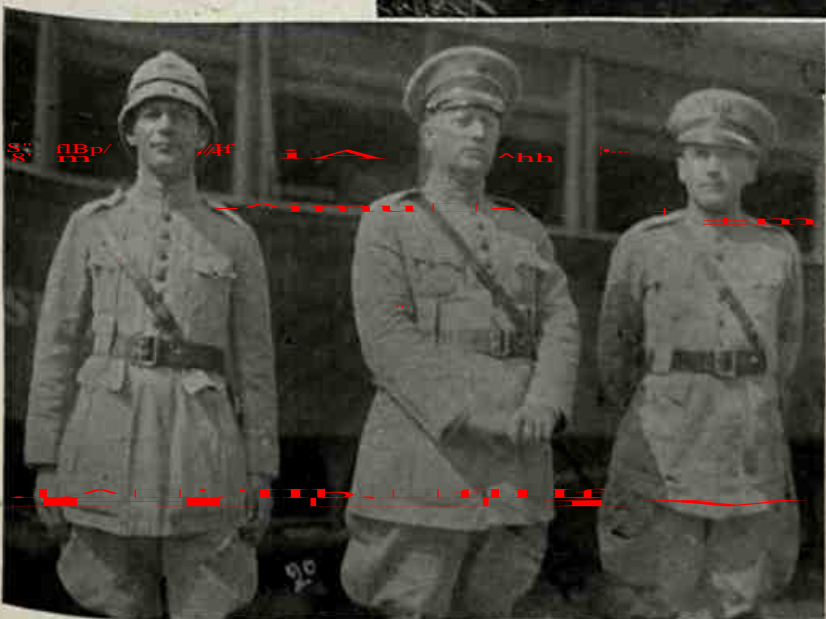
SABEDORIA

O amor tem por inimigo: o odio, a inconstancia, o ciume e a saciedade. — *Faguet.*

•

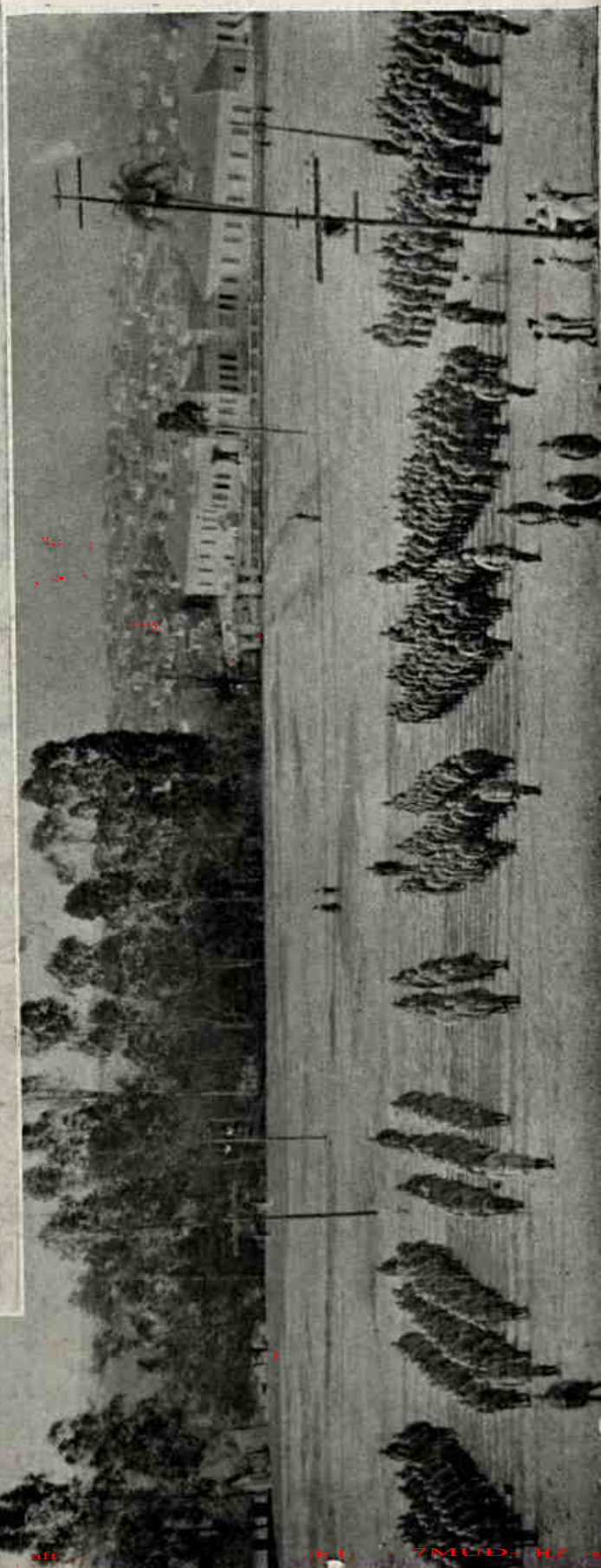
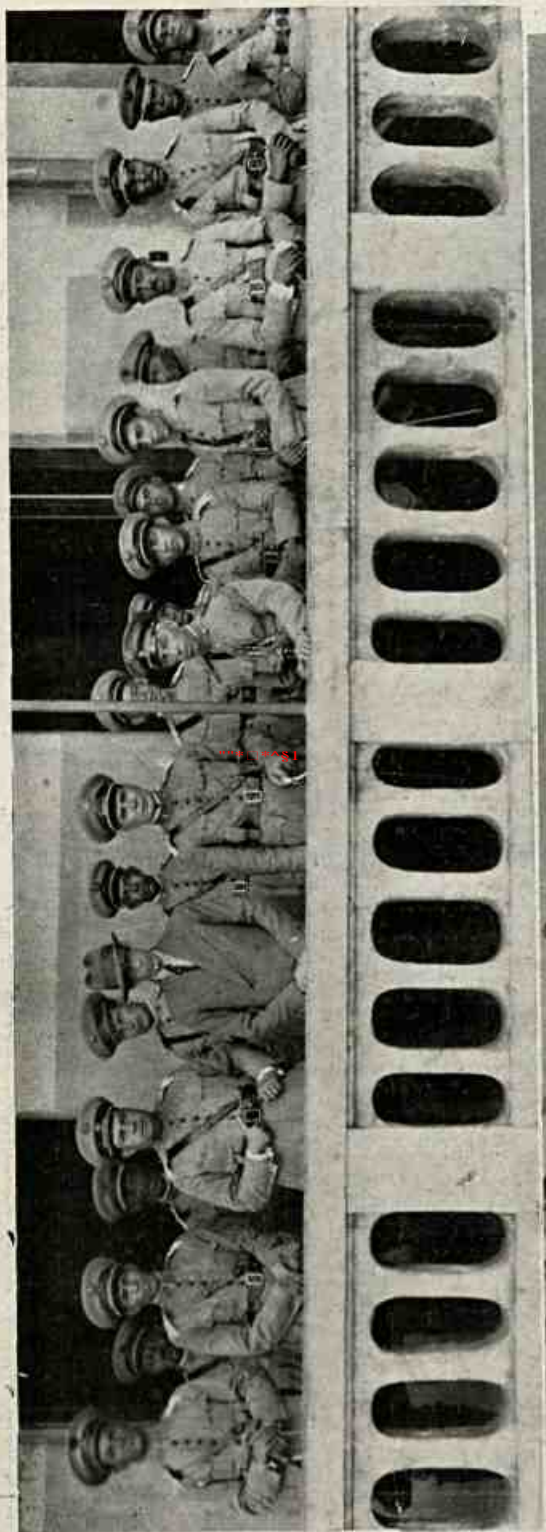
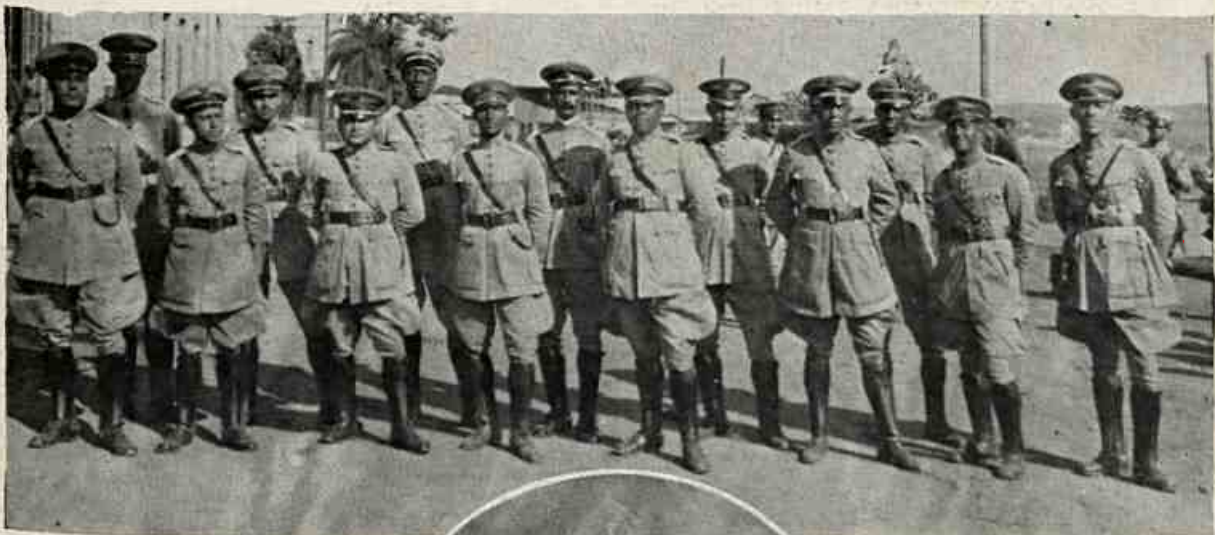
O casamento e o celibato têm, ambos, inconvenientes; é preciso, pois, escolher aquelles cujos inconvenientes não são irremediaveis. — *Chamfort.*

O capitão da Brigada Lery celebrando missa para os soldados, em Manacá.

O trem-hospital do Serviço de Saúde estacionado naquella localidade mineira.

Deus, que se arrependeu de ter creado o homem, nunca se arrependeu de ter feito a mulher. — *Malherbe.*

Acampamento das tropas mineiras que operam naquelle sector.

De todas as paixões a mais cheia de illusões é a alegria. — *Bossuet.*

O coronel Lery Santos, commandante da Brigada Lery, da F. P. de Minas Geraes, ladeado pelo major Faria, chefe do abastecimento, e pelo tenente Candido Saraiva, assistente do commando.

O dr. Gustavo Capanema, secretario do Interior de Minas Geraes, e o coronel José Gabriel Marques, chefe dos serviços medicos do E. M. da Força Publica do Estado, em companhia da officialidade do 6.º B. I.

O 1.º B. I. formado em frente de seu quartel, no bairro de Santa Ephygenia, em Bello-Horizonte, para receber a visita das altas autoridades do Estado.

No alto: o major Manoel Neves, commandante do 10.º B. I., entre a sua officialidade. No medalhão: o padre Alfredo Christovão Koball, que se tem destacado, no sector do Tunel, pela dedicação christã com que vem ministrando assistencia espiritual aos soldados e prisioneiros do «front». Em baixo: aspecto do almoço offerecido, em Passa Quatro, no carro-restaurante da F. P. de Minas, ao coronel Christovão Barcellos. Soldados da Força Publica de Minas, á hora do rancho. Uma cozinha de campanha, em São Bento, funccionando no preparo de um churrasco. Metralhadora manejada pelo capitão José Antonio Praxedes, da F. P. de Minas, na serra do Itaguaré (zona do Túnel).

A FILHA

por

GILBERTO VEIGA

CARLOS ALBERTO, trinta annos sadios, bella apparencia, era funccionario publico. Iniciára sua vida burocratica, ainda muito moço, como simples amanuense. Honesto e trabalhador, destacou-se aos olhos dos seus superiores, e o exito, mais uma vez, coroou o mérito. Subiu. De degrau em degrau, paciente e perseverantemente. Galgando a difficil ascenção, lutando com toda uma avalanche de nullidades protegidas, chegou a occupar alto cargo administrativo, demonstração irrefutável, cabal, da sua competencia, do seu zelo, do seu valor. No pinaculo do mando, não se deixou dominar pela vaidade e, sem arrogancia, olhando, talvez, para o seu passado, tinha sempre uma palavra de branda censura para o empregado que não sabia cumprir com os seus deveres. Era, sobremodo, estimado por todos. Não faltava, mesmo, quem, de quando em quando, puzesse a graça de uma flôr na desordem do "bureau" empilhado de autos e de sentenças.

A secretaria de Carlos, uma bonita creatura de vinte e dois annos, pujante morena côr de jambo maduro, senhora de dois olhos pretos como dois diamantes rutilos e negros, tocára, com o feitiço irresistível da sua belleza, o coração do funccionario bonissimo. Fascinado, desfrutando de bella posição na sociedade, possuidor de regular fundo num banco e ainda de optimo emprego garantido pelo governo, Carlos Alberto, depois de tácitos entendimentos, uniu-se a Maria do Céo com todas as bênçãos sacramentaes e com todos os sellos da lei. Houve festa. Ao casamento compareceram todos os empregados sob a direcção do noivo. Alegremente, dançaram e beberam até quasi o raiar da aurora. E, ao despedir-se, renovaram, unisonamente, os votos mais puros de felicidade inconspurcavel. Não quiz, porém, o destino que assim fôsse.

Os primeiros mezes correram brandos e breves para os esposos, como uma brisa mansa afagando o caule de uma rosa picada de sol. Elles se entretinham com ternuras infindáveis. E, hora a hora, dia a dia, nos braços um do outro, bôccas unidas, corpos confundindo-se, não se fartavam de repetir o juramento de castidade que proferiram aos pés do altar resplandescente de luzes e flores.

Carlos Alberto era, literalmente, feliz. De uma felicidade immensuravel, que lhe assoberbava todos os sentidos. Maria do Céo apparentava sêl-o. Apparentava apenas. Porque, quando os beijos do esposo lhe escaldavam os lábios sensuaes, ella, palpebras cerradas, pensamento ao léo numa divagação abstrata, rememorava, com saudade, os beijos outrora recebidos do seu ex-noivo, um engenheiro que fôra á America do Norte aperfeiçoar-se e a olvidára ao som bulhento dos "jazz" nova-yorkinos. Sabia, porém, dominar-se. E, ladina e sagaz como toda mulher, occultava, lisonjeiramente, esse pensamento nefasto e secreto. Disfarçava, louvavelmente aliás, os seus desejos e as suas saudades, para dedicar-se inteiramente á devoção, ao amôr puro de Carlos. Si não o amava como devia, como deve amar a esposa ao marido que a desvela, como tinha mesmo desejo de amál-o, ao menos se esforçava por corresponder áquella dedicação, áquelle enthusiasmo de homem novo.

Seis mezes após esses acontecimentos, Maria do Céo, bonita e faceira num vestido de crepe de sêda "pervanche", calhando admiravelmente com a sua tez tropical e as linhas harmoniosas de seu corpo bem feito, encontrára, num salão opulento de baile, inesperadamente, Adolpho Braga, seu antigo e primeiro amor. Uma commoção fórte sacudiu-lhe o peito. Uma onda de pejo corou-lhe ainda mais as faces occultas pelo "rouge". Pejo da sua fraqueza, da infidelidade dos seus pensamentos, naquelle instante, quando todos os deveres repelliam tal commoção. Desde os de senhora casada ao da retribuição da indifferença de que fôra alvo por parte do engenheiro. Mas o coração, ou o instincto, falou mais alto. E ao rapaz não passou despercebida tal manifestação de alegria.

Adolpho sabia-a casad. Que lhe importava isso, si ella estava ainda mais bonita, mais fresca e parecia ainda mais joven? Assediou-a com olhares coruscantes. Mordeu-lhe as espaduas núas com as pupillas ardentes. E, valendo-se da apresentação de um amigo, enlaçou-a na volupia de um tango e disse-lhe phrases quentes, aspirando a largos haustos o odor de seus cabellos anelados. Maria do Céo sentia-se dominada. Sentia que caminhava para o abysmo, que seu corpo ia rolando no despenhadeiro, que seu espirito reprovava aquelle amor illegal, mas não tinha forças para a recusa. E, unindo, depois de inauditos esforços para dominar-se, os cilios longos, abandonou-se aos braços do rapaz, que a estreitou ainda mais, com sofreguidão, com loucura. Por detraz de uma cortina discreta, Carlos Alberto, uma scentelha de ciúme a lhe morder o coração oppresso, acompanhava aquelle voluptuoso abandono, olhos pregados nos lábios do par de sua esposa, parecia querer adivinhar os vocábulos quentes que por elles rolavam...

DECORRERAM cinco annos no livro immenso do tempo. Um lustro, um quasi nada no mysterio da eternidade.

Carlos Alberto continuava sendo o mesmo funccionario zeloso. Mas, perdêra para todo o sempre aquelle sorriso bom que lhe desenhava a alma á flôr dos lábios. Tornára-se taciturno, macambuzio, irascivel, neurasthenico, quasi máo. Usava sempre o mesmo terno preto, como symbolizando o luto do seu espirito torturado e incomprehendido.

Maria do céo, de mão em mão, peccava para viver. Certa tarde de azul na arcada infinita e de alegria esfusiante na terra, Carlos Alberto a surprehendêra nos braços de Adolpho. E, apunhalando, sem uma palavra, sem a minima piedade, o amante-seductor, abandonára á propria sorte aquella que jurou amar e proteger. Ella não era digna da morte. Merecia o opprobio, a vergonha, o castigo do abandono.

Maria do Céo dera-lhe uma filha. Um himo humano. Uma figurinha de "bibelot". Ao ser preso e julgado

(Conclúe na pag. seguinte)

Carlos, de accordo com a lei que lhe outorgou a posse da menina, entregára-a a uma irmandade religiosa para creál-a, educando-a. Absolvido, tinha loucos desejos de revêl-a, de beijál-a, mas, continha-se. A pequena lembrar-lhe-ia o tempo em que fôra venturoso. E, demasiado orgulhoso para curvar-se á lembrança doce da época da sua felicidade, fugia de avistar-se com a infantil creaturinha, que, não tendo concorrido para a grande tragédia, para a desgraça immensuravel, pagava com o seu isolamento, com a ternura perdida dos papás, o erro da mulher, da mãe.

* * *

Corria o tempo. Um dia, no Ministério, Carlos recebeu uma carta urgente. Abriu-a. Era da superiora da irmandade. Dizia-lhe, sem preâmbulos, que sua filhinha estava passando mal. E terminava: "Que fôsse vêl-a. Que não fôsse tão rijo, tão cruel para com a innocencia de um anjo."

Nervosamente, poz o chapéo e desceu três a tres os degraus polidos da escadaria de mármore. Na rua, tomou o primeiro taxi que se lhe deparou.

Numa cama branca, Isabelita — era este o nome da filhinha de Maria do Céo, — respirava com difficuldade. Seus pulmoezinhos inflavam-se de ar, desordenadamente. A febre escaldava-lhe as entranhas. As mãosinhas, sem côr, procuravam no vácuo alguma coisa que só existia no seu delirio. Os olhinhos vivos e brilhantes, numa mobilidade irritante, passeiavam sem cessar, canto a canto, sem nada ver, sem nada distinguir.

Carlos Alberto entrou, desvairado. Os cabellos cahiam em mechas sobre a testa suada. As narinas resfolegavam como as de um potro bravio. As mãos tremiam como a haste de um junquilho. E, dobrando-se sobre o leito alvo, tomou, nos braços fortes, o corpinho fraco. Elevou-o á altura do rosto. Viu-lhe á mente todo o drama da sua vida, inclusive a tragédia final. E, com os olhos em braza, fixou as pupillas irrequietas e innocentes, como a querer descobrir, através do liquido vitreo, o seu sangue a borbulhar... E veiu-lhe mais, com a velocidade do relampago, esta tortura ao cerebro, mais esta duvida terrível, mais esta interrogação dolorosa e deshumana:

— Será minha filha?!

«Clichê» de baixo: senhorita Luiza Leme, distincta figura da nossa alta sociedade, que contrahiu matrimonio, nesta capital, com o capitão-tenente Lauro Martins Ferreira.

(Photo De los Rios).

AS NOIVAS

Senhorita Maria de Lourdes Foz, cujo enlace com o dr. Juvenne Cunha se realizou, recentemente, na capital paulista.

(Photo Cerri).

A S. A. DU GAZ NO PROGRESSO DA CIDADE

A Societé Anonyme du Gaz do Rio de Janeiro vem, com os seus mais recentes melhoramentos publicos, collaborando, ampla e efficientemente, no progresso da cidade. De dois annos para cá, a sua acção, nesse sentido, se tem affirmado de maneira a recommendál-a á gratidão e ao apreço da população carioca.

Em junho de 1931, a prestigiosa empreza, que tomou, entre outras iniciativas de grande utilidade para a capital da Republica, a de fundar escolas de economia domestica, tão necessarias nos centros populosos como o nosso, inaugurou a sua primeira agencia, installada na praça da Bandeira e destinada a servir áquelle bairro e aos que lhe ficam vizinhos. Mezes depois, era inaugurada a segunda agencia, esta na outra parte da cidade, em Copacabana, confluencia de muitos bairros chics que alli se movimentam.

Actualmente, conta a Societé Anonyme du Gaz com quatro agencias, localizadas em diversos pontos da capital e que constituem um beneficio inestimavel para a nossa terra e para o nosso povo.

No alto: a séde da Secção Commercial do Departamento de Gaz, á rua Republica do Perú, 03. Ao lado e em baixo: as agencias da Societé Anonyme du Gaz, respectivamente, á rua Teixeira Soares, (praça da Bandeira), á rua Copacabana, á rua Aristides Caire (Meyer) e á praça José de Alencar.

FON-FON no cinema

Devaneios da mocidade.

TU ÉS A UNICA

(Sinners in the Sun)

Da Paramount

com

CAROLE LOMBARD
e CHESTER MORRIS

SI desejarmos aquillo que deviamos ter constitue um crime, então Doris Blake foi uma criminosa e justo foi o castigo que lhe proporcionou o destino. Empregada como modelo numa casa de modas, Doris não podia deixar de desejar essas lindas "toilettes" que vestia por espaço de uns momentos, só para que as ricas damas, que desciam de *limousines* de luxo, a olhassem com indifferença, dizendo ao proprietario:

— Bem, Louis, mande levar este vestido á minha casa...

E elle, virando-se para a modêlo:

— Ande, vá tirál-o... Já está vendido.

Doris tinha um namorado, Jimmie Martin, rapaz ás direitas, porém de humilde procedencia. Empregado de uma garage, Jimmie possuia um carro, e nelle costumava levar Doris a passeios e pic-nics aos domingos. Ella, filha de uma familia pobre, não podia soffrer a idéa de, casando-se com Jimmie, ter de privar-se duma vez para sempre daquelle ambiente de

Ella era a única que estava no seu coração.

Ninguem vencia o seu primeiro amôr.

riqueza, embora apparente, que a cercava nas horas de trabalho, no atelier de modas de Louis.

Um domingo, em que sahiram para um pic-nic, de lá voltaram zangados. Coisa commum entre namorados. Mas, no caso de Jimmie e Doris, esse facto parecia cercar-se de aggravantes mais sérias. Jimmie comprára-lhe um anel de compromisso e Doris estava até alegre com a dádiva; mas, ao saber que a joia era de segunda mão, comprada a um companheiro de Jimmie, cuja mulher estava no hospital, doente, não poude a rapariga reprimir o seu desgosto, e pediu-lhe que devolvesse o anel á pobre... Não sendo homem de grandes dinheiros, Jimmie não poderia offerecer-lhe uma joia daquellas, a menos que fosse adquirida em segunda mão. Mas isso não podia comprehender Doris, acostumada a ver rapazes ricos, no atelier, gastarem centenas de dollares num unico vestido para as suas predilectas.

Jimmie interpreta a recusa de Doris como uma recusa de sua proposta de casamento, e, com a frieza natural em taes casos, leva a joia para casa e nunca mais procura ir vêl-a. A familia, é claro, quiz saber o que tinha determinado essa ausencia de Jimmie, mas a pequena não esteve para explicações...

Dias depois, o dono do atelier onde Doris trabalha recebe um pedido para expôr alguns dos seus ultimos modêlos numa festa de caridade organizada pela sra. Nelson, residente na aristocratica praia de Long Island. Doris e mais algumas collegas são mandadas para a tal exposição. Lá, por um desses "acasos" que perseguem as pequenas bonitas, Doris encontra-se ao banho de mar com o sr. Nelson, perfeita encarnação de Don Juan, e, ao voltar para a cidade, lhe havia dado o numero do seu telephone. Todos nós sabemos o que isto significa. Quer apenas dizer que temos uma amiguinha para as pandegas nocturnas, para as *soirées* na Opera, para as corridas de automovel, etc., etc.

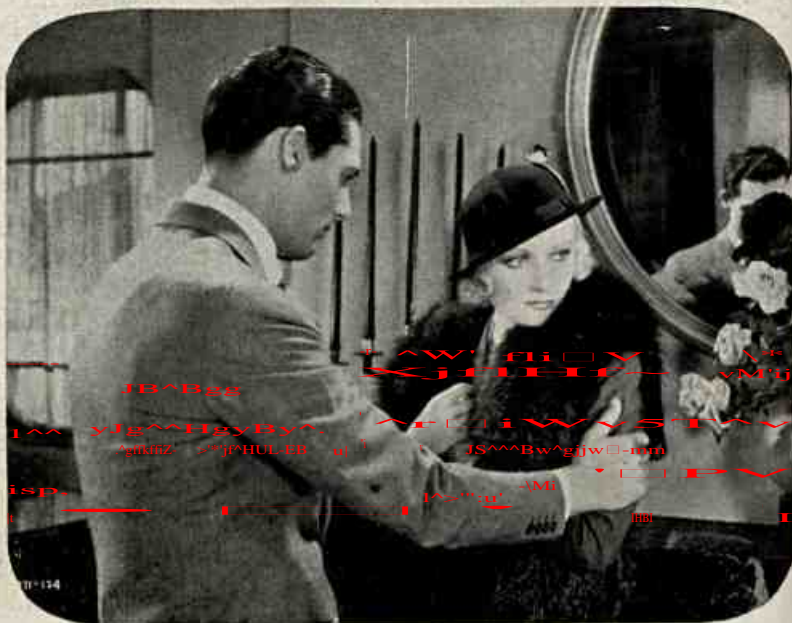
A amizade de Nelson e Doris progride. Certa noite, ao entrar em casa, ás quatro da manhã, de um desses passeios com o amigo, é Doris recebida pelo pae, que a põe fóra de casa. Independente como todas as pequenas modernas, ella logo se refaz do choque e continúa no trabalho até que o amigo lhe arranje um ninho de amor, por onde não passem as horas...

Por outro lado, indo Jimmie certo dia ao atelier, afim de ver si fazia as pazes com Doris, lá é informado por uma amiga della do que se passára. O facto de andar ella ás voltas com um homem casado enche o rapaz de justa indignação contra a sua antiga namorada. Ao sahir da casa, nota Jimmie um lindo auto parado ao longo do passeio. Em pouco apparece a dona... Troca algumas palavras com o rapaz e convida-o a guiar o carro. Jimmie não se faz de rogado. Mais tarde, quando elle vae leval-a á casa, Claire convida-o para ser seu *chauffeur* — e dias depois, para espanto do rapaz, propõe-lhe casamento. Immensamente rica, bem parecida, Jimmie resiste um pouco, mas acaba casando-se.

Passam-se mezes. Uma prolongada lua de mel na Florida. Claire admira a robustez do marido, a sua franqueza, o seu temperamento brincalhão. Falta-lhe o traquejo social, mas isso não é nada quando sobra o dinheiro..

Nelson começava a aborrecer-se de Doris. A mulher do millionario conseguira que elle arranjasse um passeio á Europa, em sua companhia, e disso é Doris avisada por um amigo de Nelson, que lhe entrega um cheque — ultimo presente do amigo...

Doris rasga-o e põe para fóra de casa o insinuante conquistador, a quem Nelson, na ausencia, encarregara de "velar" por ella.

(*Conclúe na pag. 42*)

Voltava a encontrar a unica mulher que amára.

A TRILHA DO ARCO IRIS

(The Rainbow Trail)

Da FOX

com *Jorge O'Brien*
Cecilia Parker
Minna Gombel
e *James Kirkwood*

O premio da altivez de Shefford.

DESOBEDECENDO a um aviso de não proseguir, Venters, um valente vaqueiro, vê-se perdido no territorio rebelde de indios renegados. Em seu auxilio segue o "sheriff", que consegue afugentar os rebeldes, e, no combate travado entre elles, Venters é mortalmente ferido. Antes de morrer, o ancião entrega o segredo do Valle das Surpresas onde estava escondida sua familia, onde longos annos lá houvera encontrado refugio. Shefford, o joven a quem fôra dado esta incumbencia, jura junto ao cadaver de Venters vingar-se dos malfeitores. Obtendo trabalho numa fazenda como capataz, facil lhe fôra estar em contacto com os celebrados malfeitores, e desta maneira, arriscando mil perigos, elle consegue aproximar-se daquella gruta fatal. Com a ajuda da filha do Aguia Solitaria, antigo chefe da tribu, Shefford, que havia salvo das garras de Lassiter o malfeitor, vae com uma caravana aos mais reconditos pontos do Valle das Surpresas. Lá vae elle encontrar Fay Larkin, uma joven que ha 15 annos estava prisioneira, e vem a descobrir que era uma sobrinha sua, filha de uma irmã, cruelmente assassinada pelo malvado Lassiter. Dando liberdade a todos, graças ao precioso auxilio do Aguia Solitaria, Shefford, após ter castigado todos os malfeitores, parte pa-

O seu animo forte não se intimidou.

ra os outros rumos, a procura de novas e sensacionaes aventuras. Feliz por ter salvo aquellas innocentes creaturas e por ter ainda encontrado o assassino de sua irmã, Shefford, reparando na belleza e candura de sua sobrinha Fay, achou novos incentivos para continuar a sua jornada de justiça, coisa rara naquellas paragens onde um braço e uma pistola eram as leis predominantes!

«Elle» guarda segredo.

TU E'S A UNICA

(Conclusão)

Desilludida agora dos seus sonhos e loucuras, Doris volta ao officio de modista. Emprega-se num atelier mais modesto; mas não como modêlo — como operaria da thesoura. Trabalha e sente-se feliz em ganhar sua propria vida...

Jimmie, que a tinha visto, certa vez, quando ella ainda estava no auge da sua riqueza, e com ella trocára palavras bem amargas, nunca a pudéra esquecer. E devido a esse estado de coisas, elle proprio, ao ser interpelado pela mulher, confesára-lhe a sua obsessão pela sua ex-namorada. Claire, reconhecendo que elle nunca a amara sinceramente, é justa em lhe dar razão — e mais que a razão, em conceder-lhe o divorcio.

Livre de tudo, Jimmie vae, por acaso, a esse atelier onde Doris trabalha, afim de vender um caminhão que possúe, pois quer mudar-se da cidade para sempre. Ahi, entre as empregadas que saem para o *lunch*, descobre elle a sua adorada e nunca esquecida Doris, a sua menina dos cabellos de ouro!

— Doris!

— Jimmie!

As empregadas, sem se aperceber de que alli, na troca daquellas duas exclamações, se reconheciam duas vidas parallelas, seguiram o seu caminho em busca da ambicionada merenda... emquanto Jimmie e Doris, agora sós, se fitavam.

— Oh, Doris! Tinha pensado tanta coisa aspera para atirar-te ao rosto, quando te encontrasse, mas agora só te posso dizer que és a unica a quem sempre amei e ainda amo...

O sorriso dum homem feliz.

Um novo paraiso.

UM VIDENTE — Victor Hugo previu a aviação. Em 1864, elle, de facto, escrevia: "Approxima-se a solução. A navegação aerea deverá decidir-se entre dois processos: o globo e o hellicoptero. O primeiro é mais leve que o ar; o segundo, mais pesado. Olhae para o céo... Que vêdes nelle?... Nuvens e passaros. São os dois systemas em plena funcção. A nuvem é o globo; o passaro, o hellicoptero".

*

AS QUALIDADES DA MULHER — Um diario inglez fez aos seus leitores interessante enquête, formulada na seguinte pergunta: "Qual o predicado que mais aprecia na mulher?"

Receberam-se cerca de 18 mil respostas, umas apreciando a belleza, outras a bondade, outras a discreção.

Mas, 12 mil leitores declararam que a melhor qualidade, o melhor predicado da mulher consistia em ser boa... cosinheira!

*

A ABBADIA DE WARVELEY — Um famoso mosteiro inglez, a abbadia de Warveley, celebrou ha pouco seu oitavo seculo de existencia. E, coisa estranha: seu nome é conhecido apenas por causa da novella de Walter Scott, "Waverley" — que, no emtanto, nada tem de commum com aquella abbadia, tão notavel na historia monastica da Inglaterra. Warveley foi a "abbadia-mater" de todas as instituições cistercenses da Grã-Bretanha.

Essas instituições pouco trabalharam em prol do desenvolvimento das sciencias e das artes, mas muito fizeram pelas industrias domesticas, pela agricultura e creação.

ELLA — Que lindo "manteaux", de pelles vi eu hontem, querido!...

*

MARAVILHAS DO CORAÇÃO HUMANO — Em condições normaes o coração humano move mais de duzentos e cincoenta kilos de sangue por hora em uma pessoa adulta, e cerca de trinta litros por minutos são bombeados através do mesmo, que realiza, assim, um exercicio tão pesado como o remo.

O coração tem varias velocidades, desde quarenta e cinco até cento e oitenta pulsações por minuto, sendo corrente um total de cem mil pulsações de vinte e quatro horas.

Um scientista calculou que o sangue de uma pessoa adulta corre, approximadamente, onze kilometros por hora, duzentos e sessenta kilometros por dia ou sejam mais de noventa e cinco mil kilometros por anno.

Escriptores e livros

Silveira de Menezes — PORTUGAL DE SONHOS E CONQUISTAS — Ed. Pongetti — Rio — 1932

ESTE é o segundo livro de impressões de viagem que o sr. Silveira de Menezes escreve. O primeiro, sobre a Allemanha, trazia um cunho vivo de originalidade, e, por isso, mereceu applausos. Nós mesmos experimentámos uma grande surpreza deante do processo literario do autor, moderno sem ser *futurista*, colorindo com arte, despertando e fixando emoções na vertigem da carreira através da patria das Walkyrias. O presente volume tem, tambem, paginas interessantes, muito embóra sem o cunho de originalidade do anterior.

Portugal de sonhos e conquistas é bem a terra que vive um pouco no coração brasileiro.

Trazemol-o ainda na retina, em todo o esplendor da sua poesia. A placidez das aldeias; os amores das tricanas; os gritos dalma das guitarras; a ternura dos olhos femininos; todo um conjuncto de milagres que vive e palpita lá onde o Tejo canta, espelhando a ousadia de um povo glorioso!

E' esse o Portugal que o autor viu e relembrou num rosario de pequeninas chronicas cheias de luz, cheias de encanto.

Louis Wilton — O TAPETE DA MORTE — Liv. Globo — Porto Alegre — 1932 — 5$

A *Collecção Amarella* tem mais um interessante volume de Louis Wilton, o apreciado autor de *Aranha branca*. Enredo curioso, que traz o leitor em constante sobresalto.

Sergio de Gouvêa — POEMAS — Porto Alegre — 1932

UMA pequena collecção de poemas escriptos de accôrdo com os processos modernos, poemas que revelam o bello talento do autor. Ha sempre uma nota bizarra em todas as paginas do folheto, podendo o leitor aquilatar do valor do poeta conhecendo *Aquarela*:

Fundo azul de céo sem nuvens. Azul. Vôos ligeiros.
Trepidação de folhas que o vento agita. Longe,
a sanguínea do sól.

Na praça.
Areia branca. Sombras dançando sobre a areia branca.
E um coagulo de luz como uma lantejoula.
Foi um pingo de sól que resvalou das folhas...

Eis o traço de originalidade, espontaneo, dos poemas de Sergio de Gouvêa.

Jadyr — LIGEIRAS REFLEXÕES — Rio — 1932

É um pequeno folheto de 19 paginas apenas, contendo ligeiras reflexões sobre assumptos religiosos, sociaes e philosophicos. Jadyr é o pseudonymo de um homem de talento, capaz de vôo mais largo.

A leitura do trabalho, de certo modo interessa. Porém, discordamos da conclusão: *Viver para outrem, que é o melhor processo de aperfeiçoamento, tal deve ser, portanto, o lemma da sociocracia, que tomou o logar das religiões*. O lemma positivista já está sufficientemente desmoralizado, pelos proprios adeptos de A. Comte, que o adoptaram ás avêssas...

Ch. Lucieto — A VIRGEM VERMELHA DE KREMOLIM — L. Globo — Porto Alegre — 1932 — 6$

OS livros sobre a Russia vermelha vêm empolgando o mundo. São as memorias de uma agente na Russia dos Soviets, exploradas por um autor intelligente, que serviram para assumpto deste terceiro volume da *Collecção Espionagem*.

Graça Aranha — ESPIRITO MODERNO — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 1932 — 6$

A primeira edição deste livro despertou o mais vivo interesse, principalmente no mundo intellectual. Graça Aranha, num gesto espantoso para a burguezia das letras, havia deitado abaixo as muralhas chinezas do convencionalismo, dos velhos modelos que vinham fascinando varias gerações, para renovar a emoção nossa, orientando o espirito brasileiro para outros rumos.

Dahi as grandes batalhas, que teve de sustentar, provocando de inicio forte crise no seio da Academia de Letras, crise culminada pela sua renuncia ao titulo de *immortal*.

Mas, a figura impressionante do autor de *Canaan* não podia se apagar em nosso espirito, nem a *immortalidade* é producto de simples votação de um grupo de amigos, reunidos em torno de uma urna cobiçada... O idealismo forja maravilhas. Graça Aranha, fascinado pela idéa de renovação da mentalidade brasileira, traçou paginas bellissimas, eternas. Não quer dizer que estejamos de accôrdo com todas as manifestações reformistas do notavel escriptor. Entretanto, não se fatigam os nossos olhos em percorrer as paginas brilhantes deste volume, que apparece em segunda edição, para alegria dos admiradores de Graça Aranha.

Mario Poppe

Mosaicos

A «Nova» de Ibsen

A protagonista da "Casa de Bonecas", a famosa Nova, tantas vezes applaudida através da interpretação de não poucos grandes artistas, não foi uma invenção de Ibsen. "Nova" vive na Noruega, tem mais de 80 annos e chama-se Laura Kieler. Quando Ibsen a conheceu, em 1869, em Copenhague, Laura tinha cerca de vinte annos e era uma creatura deliciosa. O drama da "Casa de Boneca" é real. Hoje, a senhora Kieler é uma vigorosa escriptora, que se especializou na critica literaria e nas questões de politica internacional.

Uma pilheria de Kant

Quando Kant era professor da Universidade de Koensgsberg perguntou a um alumno, que se apresentava a exame de admissão, qual era a origem das auroras boreaes.

— Oh! senhor professor!... — disse o alumno — Eu sei, sei perfeitamente, mas neste momento, estou esquecido.

— Que pena! — exclamou Kant — O que lhe acontece, meu caro, é profundamente lamentavel, porque é você o unico homem na terra que logrou saber tal coisa...

Os idiomas latinos

Meyer Lubke em sua *Linguistica Romance* que da lingua do Lacio se derivaram nove idiomas latinos ou romances, e que são os seguintes: portuguez, hespanhol, francez, provençal, sardo, italiano, rético, dalmatico e romano.

Estes idiomas, por sua vez, comprehendem uns setenta dialectos, taes como o tyrolez, o catalão, o piemontez, o lorenez etc...

A cor dos astros

Embora a sensação não seja de uma nitidez absoluta, a olho nú, parece-nos, a todos, que certas estrellas, abstracção feita de seu brilho, são brancas, outras amarellas e outras avermelhadas.

Admitte-se geralmente que a cor dos astros é uma consequencia da sua temperatura. As estrellas brancas seriam as mais quentes, porque conteem elementos chimicos gazosos incandescentes. As amarellas teriam uma temperatura menos elevada e as vermelhas seriam as mais frias.

ERUDIÇÃO — Eu gósto immenso de Marcel Proust! Adoro Jean Giroudoux! Sou louca por Paul Valéry!
— Diabo! E que pensa o seu marido de tudo isso?

NOTAS DE ARTE

OSCAR D'ALVA

ANITA DE CÁCERES. — Após ter-se feito ouvir em audição especial á Imprensa, a sra. Anita de Cáceres realizou no Theatro Municipal, na tarde de 25 de agosto, um recital de declamação, obedecendo ao seguinte programma: I) JORGE ESCOBAR URIBE — *En la palestra;* CARLOS NAZLE ROXLO — *El grillo;* MARIA RAQUEL ADLER — *Anoche me he dormido;* RUBEN DARIO — *Marcha Triunfal;* II) OLAVO BILAC — *In extremis;* JULIO DANTAS — *La cena de los cardenales;* III) AMADO NERVO — *Muerta;* JOSÉ SANTOS CHOCANO — *Pandereta;* MARIA SILVEIRA HERMANNY — *No me beses;* ALFONSINA STORNI — *Capricho;* IV) DOMINGO ZERPA — *Versos Camperos;* HECTOR PEDRO BLOMBERG — *Andate;* RAFAEL JIJENA SANCHEZ — *La Resentida;* ANTONIO CASERO — *Las Cosas de mi tierra.*

Embora bem impressionados pelo que ouviramos na audição á Imprensa, não pensavamos todavia que a declamadora platina nos chegasse a produzir tão fortes emoções de arte, como as que nos produziu em varios numeros do seu recital.

Revelou-se a distincta recitante argentina verdadeira actriz da dicção. Representa tudo que declama. Parece egressa da scena. E' de se lhe notar a perfeição minuciosa com que nos gestos e attitudes, especialmente na mobilidade do rosto, procura viver o sentido de cada poema. Possue realmente grande poder emotivo a linguagem plastica da recitante. Quanto á expressão vocal, se nem sempre attinge ao mesmo nivel da expressão mimica, concorre bastante com os encantos deste predicado, para transmittir com mais ou menos intensidade a sensibilidade da artista á sensibilidade do auditorio.

Foram correctamente exhibidos todos os numeros; nenhum a ninguem desagradou. Mas não seria verdade dizer que todos produziram iguaes emoções. Alguns a outros sobrepujaram em força emotiva.

Ao passo que nos sentimos fortemente emocionados deante da vida lyrico-dramatica que imprimiu á recitação de *In extremis* e *Capricho*, ficamos quasi indifferentes ouvindo a *Marcha Triumphal*. Foram tão primorosas as interpretações dos versos de Bilac e de Alfonsina Storni, deu-lhes Anita de Cáceres tal vigor dramatico, representou-as com tanta belleza expressiva, que nos pareceu igualal-as, como dramatização, ás proprias interpretações da genial Berta Singermann.

Entretanto, subiu ainda mais no magico poder de commover, de empolgar: foi quando recitou *Andate* — dialogo em que o interlocutor ausente parece presente pela força suggestiva da artista, e onde palavras e gestos se conjugam para o mesmo empolgante effeito de arte e de belleza. Não pudemos conter o enthusiasmo e exclamamos: bravo!...

Anita de Cáceres é incontestavelmente uma declamadora invulgar. Bem mereceu todas as palmas, todas as flôres com que a brindaram.

MARGUERITE LONG. — Ansiosamente esperada, realizou-se no Theatro Municipal, na tarde de 27 de agosto, a estréa da grande pianista e celebre professora de piano, membro do Conservatorio de Paris, mme. Marguerite Long, tocando, como solista no concerto extraordinario da Orchestra Philarmonica, o *Concerto em dó menor*, op 37, de Beethoven, e o *Concerto em fá-menor*, op 21 de Chopin.

A realidade, se não excedeu, correspondeu integralmente á espectativa geral.

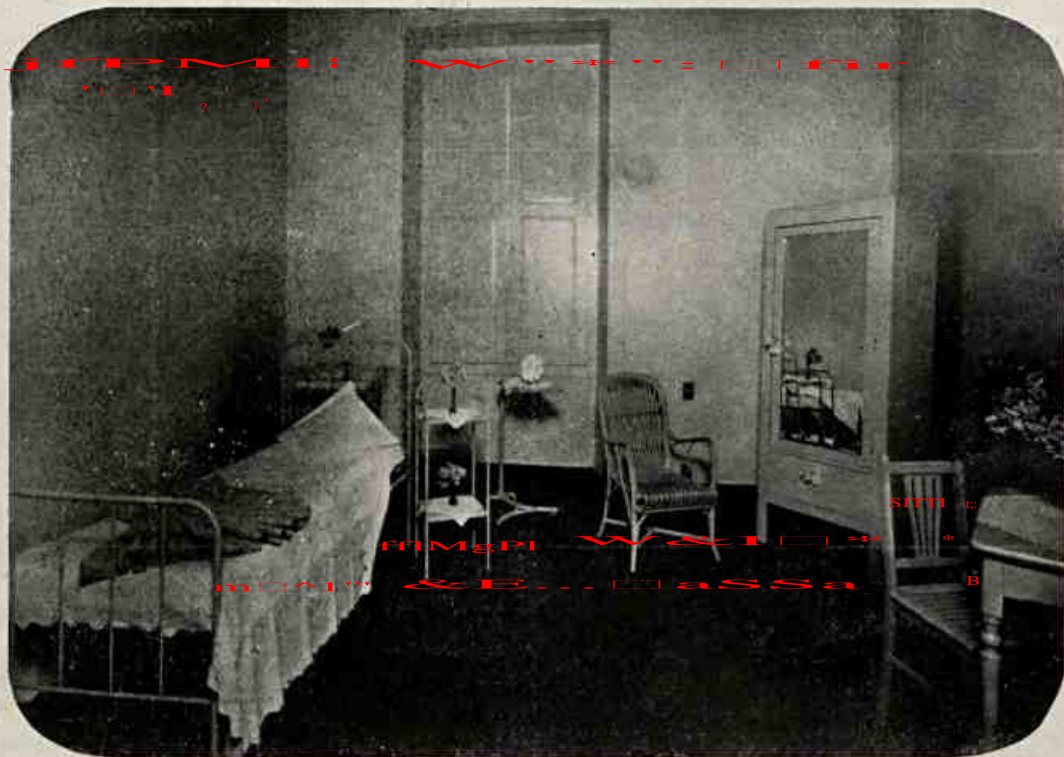
Marguerite Long é uma figura á parte entre as celebridades pianisticas que nos têem visitado.

Não é maior nem menor que um Paderewsky, um Brailowsky, um Freedman, mas tão grande como qualquer delles dentro das possibilidades da sua escola, do seu temperamento, do seu genio pianistico. Se do que qualquer daquellas summidades se póde qualificar menos empolgante nos grandes effeitos de sonoridade, na magia de transmittir a emoção ao auditorio fascinado, é-lhes superior na finura, na delicadeza, no rendilhado com que dedilha a phrase sonora. Marguerite Long toca, como Pavlowa dançava. Parecem-lhe as mãos plumas de arminho afflorando as teclas; tal a leveza, a imponderabilidade do seu *toucher*.

Todos os *Concertos* foram raros e originaes primores de execução technica e sentimental. O de Beethoven, uma série de continuas bellezas, desde os fulgores estellares que irradiam dos *Allegro* ás suaves claridades de luar, que esmaltam as melodias do *Largo*. O de Chopin, esse no *Larghetto*, attingiu a inexcedivel belleza. Raro só, mas quasi sempre em dialogo com a orchestra, o piano de mme. Long parecia mais voz do que instrumento. As mãos da artista como que cantavam ao som dos violinos...

Deante de tanta belleza sonora, o publico, que não cessava de applaudir, redobrou as palmas, explodiu em bravos. Magnifico!...

Cedendo afinal a reiterada insistencia do auditorio empolgado, mme. Long tocou, como *extra*, uma scintillante peça de Fauré, *Impromptu*, se nos não enganamos, em que a famosa musa do teclado revelou ainda ser tão grande interprete dos modernos como dos classicos e romanticos.

Para o exito excepcional da excepcional pianista, muito concorreu a *Philarmonica* sob a eloquente, animadora batuta do joven maestro Burle Marx. A *Protophonia* de "Freischutz", só pela orchestra, foi bellissimo preambulo para a audição dos *Concertos*. Pareceu-nos, depois de ouvil-os, que a mais linda passagem da *Protophonia*, a que nos envolve numa atmosphera rosea e perfumada, a que traduz a angelitude de Agatha — a heroina do drama weberiano — foram flôres sonoras atiradas á grande artista, como louvor antecipado ás magistraes interpretações com que nos ia maravilhar, tocando os dois poemas de Beethoven e Chopin...

Seara alheia

Elevação

O que quer elevar em si mesmo a dignidade humana, rico ou pobre que seja, ignorante ou instruido, tem que preencher uma condição essencial, tomar uma resolução, realizar um esforço, sem o qual não poderá avançar um só passo.

E' necessario que se proponha a firmemente libertar-se, a desprender-se de tudo o mais da vida.

O que se entrega conscientemente ao crime ou á pratica de qualquer acção má, renuncia a todo progresso intellectual e moral.

Chegado a este extremo, o homem deve proceder sem contemplações para si proprio. E, se não quer ouvir as accusações de sua consciencia não pense nem tente nunca elevar-se. Sempre lhe faltará a base e, se chega a construir, construirá sobre areia. — CHANNING.

Como um desenhista de modas femininas teve a idéa do ultimo modelo de chapéos para senhora...

Viajar

Viajar é o sonho e o parazo dos loucos. Nossas primeiras jornadas revelam-nos apenas a indifferença dos logares. Em minha casa, sonho que, em Napoles, em Roma, posso embriagar-me com a belleza e dissipar minha melancolia.

Arrumo uma mala, abraço meus amigos, embarco e, finalmente, desperto em Napoles, onde, a meu lado, encontro o triste "eu" de que fugi, infelxivelmente identico, inseparavel. Finjo estar embriagado com vistas e sugestões, mas não o estou.

O meu "gigante" vae commigo aonde quer que eu vá.

Mas, o furor de viajar é, ainda, um symptoma de uma corrupção mais profunda, que affecta toda a acção intellectual. A intelligencia é vagabunda e nosso systema de educação fomenta a inquietude. Nossas mentes viajam quando nossos corpos se veem forçados a permanecer em casa. — EMERSON.

Velhice

Depois das creanças nada conheço no mundo mais interessante que os velhos.

TU FOSTE PARA MIM COMO AQUELLA MONTANHA...

DE MARAGLIANO JUNIOR

Peregrina visão que me acompanha,
Desde a minha insoffrida juventude,
Tu foste para mim como aquella montanha,
Toda alvacenta agora, ante o esplendor do luar...
Perdido nesse amor que até hoje me illude,
Caminhei a sorrir para te conquistar!...
Mas depois, ai de mim!, só depois percebi,
— Com que emoção tamanha! —
Que eras como o perfil dessa montanha!
—Quanto mais me empenhei na pressa de chegar,
Mais longe eu me encontrei, ó meu Amor, de ti!

Ha, na fraqueza destas duas edades, nas esperanças que uma promette e nas recordações que deixa a outra, algo de profundamente commovedor, que só a frivolidade ou a sequidão de coração podem desconhecer.

A vida parece tornar no berço e á borda da tumba, um caracter enternecedor e respeitavel, mesmo para aquelles que nenhum laço liga á creança que entra na vida ou ao velho que della sahe.

Que acontecerá, então, quando os laços do sangue, da gratidão e do habito se unem para mudar em affecto e em dever esse interesse natural que nos inspiram os primeiros e os ultimos dias do homem? — GUIZOT.

* * *

Pensamentos

Actualmente considerase a vida uma especulação. Mas, a vida não é uma especulação: é um sacramento. Seu idéal é o amôr e sua purificação, o sacrificio.

* * *

A sympathia é sempre admiravel. Mas a sympathia pelo soffrimento é sua fórma menos bella.

* * *

Os homens conhecem a vida muito cedo; as mulheres, muito tarde. E' esta a differença maior entre homens e mulheres.

* * *

A vida não é dirigida pela vontade ou pela intenção. A vida é um complexo de nervos, de fibras e de cellulas lentamente formadas, onde o pensamento se occulta e a paixão sonha seus sonhos.

* * *

O homem póde supportar as desgraças. Estas são accidentaes, veem de fóra. Soffrer, porém, pelas proprias culpas, eis aqui a maior tortura da vida.

O homem é um ser de multiplas vidas e de innumeras sensações... Uma creatura complexa e multiforme, carregada de estranhas heranças de pensamento e de paixões. — OSCAR WILDE.

APPARIÇÃO

Inda te vejo em sonhos. Leve, imponderavel,
Surges como um rabisco admiravel
De gravura chineza...
Não sei si te amo assim, mais do que no passado.
Hoje eu tenho a saudade por meu mal,
E é ella, com certeza,
Quem te empresta a chorar esse tom encantado
E essa leveza sobrenatural!

CANÇÃO ENAMORADA

Tu foste a sombra amiga e carinhosa
Da arvore da estrada que segui...
Eras tão meiga... A estrada era espinhosa...
E á tua sombra, Amor, adormeci!

— E dizer-se que é a primeira vez que dirijo um automovel!

DILEMMA

Lourenço. — Essa senhora parece o motu continuo... Não está quieta um minuto...

Francisco. — Não digas bobagens... Porventura isso póde obrigar-te a que rompas teu compromisso com Rosaura?

Lourenço. — Claro que sim!... Eu não resisto um mez a esta vida... Olha como estou: feito um palito...

Francisco. — Quá! quá! quá!...

Lourenço. — E depois, devo a cada santo uma vela, porque meu ordenado não chega para tanta missa...

Francisco. — Mas chegaste a tal extremo?

Lourenço. — Tu dirás... Quando não é á tarde, é á noite: é preciso ir ao cinema, ao theatro, á confeitaria, que é o mais grave...

Francisco. — Grave?

Lourenço. — Naturalmente, porque dona Claudia tem um appetite formidavel de *sandwiches* não lhe satisfaz... Vinte mil réis paguei ante-hontem, depois do theatro... O garçon da confeitaria ficou perplexo...

Francisco. — Mas tu não pódes dizer alguma coisa, uma allusão discreta, por exemplo, para que ella se modifique?

Lourenço. — Allusões?... Ou ella não as entende, ou não quer entendêl-as, o que vem ser a mesma coisa. Ouve-me dizer: "Estou desejando que chegue o primeiro do mez, porque ando sem um vintem", e um quarto de hora depois me perguntar: "Lourenço, não poderiamos ir esta noite ao cinema?"

Francisco. — Pois commigo as coisas mudariam de figura! Si me perguntasse isso, eu apenas lhe responderia: "Sim, senhora; desde que você pague as entradas..."

Lourenço. — Homem!... Isso seria uma grosseria inqualificavel.

Francisco. — Filho, quem quer o fim arranja o meio.

Lourenço. — Agora comprehendo por que Silvano rompeu com sua noiva... Elle mo disse e eu não poderia crêl-o... "O noivado me custa os olhos da cara... Não posso mais!..." Sem duvida.

— Por que retiras os guarda-chuvas da entrada? Tens médo de que os nossos convidados os roubem?
— Não, mas receio que elles os reconheçam!...

lhe havia tocado por sorte outra dona Claudia...

Francisco. — Porque vocês são tolos... As futuras sogras se deixam cahir no principio, quando é preciso cortar o mal pela raiz.

Lourenço. — Isso é facil de dizer...

Francisco. — E de fazer. A primeira vez que a mãe de Papita disse que "era louca pelo theatro e pelo cinema", eu declarei rotundamente que "os odiava"... E ella nunca mais *se insinuou!*

Lourenço. — Que sorte tiveste!...

Francisco. — Habilidade, simplesmente... Porque essas senhoras pensam que uma das obrigações do futuro genro é divertil-as, e cahem sobre elle como aves de rapina. Aquelle que cede... é devorado!

Lourenço. — E com que appetite!...

Francisco. — Depois se queixam as mães de que as filhas não se casam... Si ellas são as culpadas...

Lourenço. — Claro!... Eu, nestes dois annos, poderia ter economizado para comprar os moveis... E tudo se foi em porcarias!...

Francisco. — E assim continuarás, si não te decidires a collocar as coisas nos seus logares. Eu diria a dona Claudia...

Lourenço. — Que?

Francisco. — "Escolha, minha senhora: si quer casar Rosaura, acabaram-se as diversões; si quer divertir-se... acabou-se o genro!"

FANFRELUCHE

A SALA DO PASSADO

De H. P. BLOMBERG

— CLAUDIO!

O homem pallido e maltrapilho estremeceu ligeiramente. Uma mão cordial procurou a sua, e entre as duas luzes do crepusculo ambos se olharam com attenção.

Resvalava o olhar do amigo pelo exterior vergonhoso de Claudio. A decadencia do companheiro de sua primeira juventude daquelle Claudio Villar precoce e brilhante de outros dias, causou-lhe uma tristeza súbita.

— As vaccas magras, hein?

Villar envolveu-o em um olhar sereno. Sorriu com melancolia.

— Sim... As vaccas magras... E tu, Roberto?

— Eu? Estou no sete annos das vaccas gordas...

De braços dados, puzeram-se a andar pela avenida Rio Branco. O trafego do crepusculo envolvia-os em uma onda de rumor.

Claudio explicava. Havia annos que não escrevia. Abandonava-se cada vez mais...

Roberto pensou vagamente numa tragedia mysteriosa, na sombra de uma mulher que houvesse passado pela vida de seu amigo. Ninguem conhecia os detalhes da tragedia mas...

— Queres trabalhar?

Claudio deu de hombros.

— Fundei um jornal. Preciso de um redactor como tu. Pagar-te-ei oito contos mil réis por mez. Quando queres começar?

— Quando quizeres...

Entraram num café. A avenida Rio Branco rodava suas caravanas crepusculares, e um soluço convulsivo de bandolins ouvia, longinquo entre as vozes do anoitecer.

O jornalista evocava o passado, os dias do Collegio Pedro II, os primeiros artigos, o primeiro livro de Claudio. Como passava o tempo!

— Em meu jornal estarás como em tua casa. Espero-te amanhã, ás onze da noite. Não faltes...

Separaram-se. A cidade cantava na noite. Ao tomar um *taxi*, Roberto pensava na mysteriosa tragedia de seu amigo.

No dia seguinte, Claudio procurou o cartão que lhe déra Roberto, e que guardára sem olhar quando os dois deixaram o café. Seu semblante se vestiu de uma pallidez mortal, mas elle reagiu, e continuou andando com passo firme, confundido entre as caravanas das ruas.

— Bataille tinha razão... O passado é um segundo coração que está sempre pulsando em nós.

De repente, se deteve, sentindo que as pernas lhe fraquejavam. Deante delle se erguia um edificio de tres andares, com amplos letreiros ostentando o titulo do jornal.

— Meu Deus! E' aqui... aqui...

Teve impetos de fugir. Estava chovendo na Avenida, e o pranto queixoso de um tango vinha de um café proximo.

Fez um esforço. Fugir? Não! Não devia ignorar o gesto daquella mão generosa e cordial que se extendia sobre seu abandono e sua miseria. Roberto acreditava nelle...

Subiu pela estreita escada com passo firme e seguro. Um continuo surgiu das trevas de um canto e olhou-o com desconfiança.

Roberto chegára havia dez minutos.

— Annuncie Claudio Villar.

Segundos depois, o director o recebia cordialmente. Estava em um compartimento do segundo andar. O papel celeste das paredes apparecia coberto de manchas e arranhões.

— Estás enfermo?

Seus olhos, cálidos de affecto, contemplavam, solicitos, o rosto livido de Claudio.

— Não... Estou bem...

— Bem. Trabalharás aqui. Cedo-te esta sala e esta secretária. Aqui ninguem te incommodará. Qualquer coisa de que precises, toca esta campainha, que Pepe, o continuo, te attenderá. Os rapazes da redacção só chegam á uma hora da manhã. Escreve-me um par de artigos sobre qualquer assumpto da actualidade. Até logo.

Deixou-o só.

Pepe surgiu á porta, conciliador e serviçal.

— Quer café, senhor?

— Obrigado.

Fechou a porta e sentou-se á secretária. Abriu distrahidamente as gavetas. Uma estava cheia de laudas em branco e de lapiseiras. Em outra encontrou um revolver, o revolver de Roberto, e uma carteira de cigarros.

Fechou bruscamente as gavetas e levantou-se.

— Aqui, meu Deus, aqui!

Suas mãos tremulas acariciaram o papel arranhado das paredes. O passado voltava, entre aquellas quatro paredes manchadas na meia noite de inverno.

Alli, naquella sala, vivêra com ella as horas ardentes do idyllio. Alli, tambem, uma noite de cinco annos antes, outra noite de inverno em que tambem chovia, como agora, a vira agonizar, impotente, no meio de um charco de sangue, alli, alli...

O grito estridente de um telephone soou no compartimento. Mas elle não o ouviu. Estava escutando as vozes interminaveis e ardentes do passado. Aquellas paredes cobertas de papel azul celeste pareciam lembrar-lhe os beijos de seu amor, os gemidos de sua morta.

E elle teria que ficar encerrado alli todas as noites com o espectro daquella que se fôra para sempre...

— Não! Não!

* * *

Quando Pepe voltou com o café, encontrou Claudio Villar cahido sobre a mesa, com o revolver de Roberto na dextra e uma bala na face.

Um fio de sangue tingia de purpura as laudas onde se lia o seguinte:

"O passado é um segundo coração que sempre está pulsando em nós. E' preciso matar esse coração."

ORGULHO BEMDICTO

Um dos salvadores (chegando á ilha deserta). — Ha muito tempo que vocês estão aqui?

O naufrago. — Espere: já estavamos aqui ha seis mezes e alguma coisa quando o Julio descobriu o meio de fabricar cachaça...

ROBERTO DE NORCY viu-se arruinado por não ter sabido retirar a tempo elevados capitaes compromettidos por seu pae em uma sociedade mineira. Restava-lhe exactamente o dinheiro necessario para pagar suas dividas, e ainda assim necessitava de prazos para realizar seu activo. E vivia em uma febre dolorosa, presa do mêdo de que algum credor muito impaciente o intimasse a pagar sem dilação e compromettêsse a honrosa solução em que trabalhava com tanto ardor.

Seus temores se cumpriram. Um dos principaes credores mandou-lhe uma carta peremptoria, declarando não querer esperar mais de oito dias. Norcy sentiu-se aterrado. Era-lhe materialmente impossivel conseguir, em tão pouco tempo, a somma exigida, e elle perambulava através de Paris, desesperado e pensando no suicidio.

Uma noite, em que comparecêra a um baile em casa da condessa de Vives — pois, para guardar as apparencias, se obrigava a si mesmo a continuar frequentando a alta sociedade — o apresentaram a um australiano multimillionario. Era um personagem estranho, gigantesco, de olhos phosphorescentes. Zigzagueavam cicatrizes em sua face esquerda e no pescoço. Sua mão esquerda tinha os dedos cortados. Quando abria a bôcca, viam-se grossos dentes, quasi em sua totalidade empastados de ouro. Tinha um nome francez — Lacour —, e, além disso, falava bem o idioma, embora com bastante rudeza. E pareceu a Roberto de Norcy ter visto já aquelle rosto em uma época muito distante, muito vaga, como em outra vida.

O australiano não abandonava o joven parisiense. Pouco a pouco, sem que Roberto o percebesse, graças ás perguntas hábeis a uma especie de piprose, Lacour chegou a saber o que preoccupava a Norcy. Pareceu experimentar uma alegria singular quando Roberto lhe fez sua confissão.

— Escute — disse bruscamente o australiano: — eu lhe emprestarei o dinheiro.... Você me dará as garantias que queira.... Mas imponho uma condição: que almoce em minha casa duas vezes por semana. E' uma condição formal!

Roberto ficou um momento desconcertado e confuso. Seu primeiro impulso foi o de recusar a offerta generosa. Mas, pensando que ia nisso sua reputação, limitou-se a estreitar em silencio a mão do australiano.

Dois dias depois, Norcy foi almoçar na casa de seu bemfeitor. Encontrou-o occupado em alojar balas de revolver em um alvo de cartão. Uma joven, sentada em uma cadeira de balanço, assistia aquelle exercicio.

— Apresento-lhe minha filha Ada... — disse Lacour, depois de estreitar a mão de seu joven amigo.

Ao inclinar-se, Roberto lançou um olhar á moça. Era uma imagem divina. Ada unia, á claridade das bellas saxãs, a graça ondulante das jovens latinas. Seus olhos distillavam uma seducção embriagadora e seu sorriso a illuminava toda inteira em uma especie de voluptuosidade innocente, que Norcy nunca percebêra em rosto algum. Ficou um minuto em suspenso de admiração, emquanto que o pae narrava uma longinqua historia de kangurús, de selvagens e de rebanhos de ovelhas. O almoço foi um sortilegio, mas um sortilegio triste. A presença da magnifica australiana fazia com que Norcy sentisse ainda mais o horror de sua ruina. E ficou quasi contente quando se viu só com seu amphytrião deante do café e dos licôres em que procurava afogar sua pena.

Voltou, frequentemente, a sentar-se á mesa do australiano. Este, pouco a pouco, acceitára a liquidação dos bens de Norcy. Descobriu recursos que haviam escapado ao joven aristocrata. Annunciou que não só todo mundo seria pago, mas ainda sobrariam de renda duas ou tres mil libras. Agora exigia quasi diariamente a presença de Roberto em Lacour Mansion. Deixava, com frequencia, os dois jovens sozinhos. E a força astuta e gentil que engana as pequenas flôres e as grandes arvo-

De J. H. Rosny Ayné

O prestidigitador distrahido...

res agiu sobre o coração de Norcy, que se enamorou perdidamente de Ada...

Aquelle amôr sem esperança tornou-o ainda mais infeliz que entrou sua ruina. Quiz fugir, procurou espaçar suas visitas, mas Lacour não lho permittiu. Não teve outro remedio sinão acceitar, a toda hora, a presença adoravel da australiana.

Um dia, em que passeava com Ada pelo jardim, sob as maravilhosas tilias que enchiam os caminhos de uma fragrancia de amôr e de volupia, não poude mais resistir á sua tortura. O coração pulsava-lhe no peito como uma torrente: a confissão acudia a seus labios com tal violencia, que elle viu o momento em que lhe seria impossivel retêl-a... Com voz quebrada, balbuciou, pois, uma desculpa, afastou-se de sua esplendorosa companheira e foi reunir-se a Lacour, que fumava no terraço.

— Você está pallido e agitado! — disse o australiano, com voz tranquilla. — Que aconteceu?

— Sinto-me mal — respondeu Roberto. — Necessito de repouso. E tenho que ir passar algumas semanas no campo.

O australiano lançou ao ar, silenciosamente, algumas baforadas. Depois, deixou seu charuto no pinzeiro, e disse:

— Por que não me confessa toda a verdade?

Olhou Roberto com suas estranhas e magnéticas pupillas, e accrescentou:

— Eu *lha* dou, si a quer... Mas é preciso que a leve sem condição, sem a menor condição!

Norcy soltou um grande suspiro e sentiu que as pernas lhe fraquejavam. Um momento de fraqueza produzido pela intensa emoção. Immediatamente, sentiu que seu amôr pela formosa Ada não retrocederia deante de nada, e balbuciou:

— Sem nenhuma condição!...

Lacour permaneceu em silencio por um instante. Depois, com voz áspera, disse:

— Afinal de contas, eu poderia dar-lhe Ada simplesmente e guardar só para mim a razão que me faz preferil-o, a você, como genro, a todos os homens da terra. Ada é a mais pura, a mais nobre das criaturas. E eu mesmo, senhor Norcy, eu mesmo sou um homem honrado, perfeitamente honrado. O peccado que pesou nalgum tempo, sobre minha consciencia foi um peccado venial. Uma vida de honestidade e de trabalho, e tambem o perdão de seu pae apagou tudo... Mas será melhor que vamos ao facto... Ha vinte e cinco annos, eu era guarda-bosque nas possessões dos senhores em Norcy. A vida que levava não me agradava em absoluto. Sonhava com aventuras, com viagens, com uma existencia ampla e livre. A Australia — ignoro por que — tentava-me sobre todos os outros paizes. Resolvi ir para lá. Infelizmente, seu pae, muito generoso, muito liberal sobre meus direitos em especie, pagava pouco em dinheiro. O bosque proporcionava-me alimentos e tecto, mas meu salario era o estrictamente necessario para completar uma pensão que eu mandava a minha mãe, a qual não poderia decidir-se a abandonar seu longinquo torrão natal. Minhas esperanças iam, pois, differindo gradualmente, quando, uma manhã, revolvendo umas ruinas pertencentes aos senhores, encontrei um cofre que continha cerca de duzentas moedas de ouro, a maior parte dellas cunhadas na época do primeiro Imperio. Em justiça, aquelle dinheiro á sua familia. Mas eu, educado com idéas um pouco selvagens, não o julguei assim, então. Guardei meu achado e o utilizei para emigrar, depois ter remettido á minha mãe doze mezse de pensão... Transcorreram dois annos. Minha fortuna ia deitando raizes. Ao mesmo tempo, eu começava a arrepender-me de meu acto. Resumindo: escrevi a seu pae, devolvendo-lhe a somma que retivéra mais os interesses capitalizados, e recebi, em resposta, uma carta que era menos um perdão que um elogio... Poderia, pois, julgar-me absolvido. E, em verdade, minha consciencia nada me reprova. E' meu orgulho que está descontente. Meu orgulho que soffre ante a idéa de que existe *uma raça* perante a qual delinqui momentaneamente. E eis ahi a razão, senhor Norcy, porque quiz que essa raça se confundisse com a minha!...

— Bemdito seja seu orgulho! — exclamou Roberto, estreitando effusivamente as mãos de Lacour.

E correu ao encontro da formosa joven, para perguntar-lhe si consentia em ser sua esposa.

O mysterio do Valle do Boscombe

(SHERLOCK HOLMES) — POR CONAN DOYLE

(Continuação do numero anterior)

Não me surprehendiam as conclusões de Lestrade, e comtudo, era tal a minha fé na perspicacia de Sherlock Holmes, que não perdia a esperança, e isto tanto mais visto como cada facto que surgia de novo dir-se-ia vir confirmar-lhe a convicção de que estava innocente Mar-Carthy filho.

Era tarde quando Sherlock Holmes recolheu á casa. Voltou sózinho. Lestrade fôra directamente para a cidade onde alugára um quarto.

— Continúa a estar muito alto o barometro, declarou, sentando-se. E' da maxima importancia que não chova emquanto não formos passar revista ao logar do crime. Por outro lado, um homem tem necessidade de estar na completa posse das proprias faculdades para levar a bom termo missão tão melindrosa, e não quiz metter hombros á tarefa emquanto me senti fatigado da jornada. Estive com o joven MacCarthy.

— E que conseguiu tirar delle?

— Coisa nenhuma.

— Não poude então lançar um raio de luz siquer neste negocio?

— Nenhum, absolutamente. Por instantes cheguei a persuadir-me de que conheceria o autor do crime e o encobria; agora, comtudo, estou convencido de que está tão ás aranhas como o proprio publico. Elle, a respeito de vivacidade intellectual, é uma miseria, mas tem presença agradavel e é bom rapaz, ao que me pareceu.

— Eu, o que não posso é louvar-lhe o gosto, se é verdade, o negar-se a casar com uma menina encantadora como miss Turner!...

— Ora! por detraz disso está uma historia deploravel. O rapaz é doido por ella; mas, haverá coisa de dois annos, era elle ainda um creançola, e quasi que nem siquer conhecia já miss Turner, que estivera no collegio cinco annos: saiba agora que esse pateta cahiu na asneira de se deixar embeiçar pela moça do balcão de uma taberna e de casar com ella n'um escriptorio de uma agencia de collocações. Ninguem o sabe, mas não deixará de avaliar o que elle sentiu quando lhe lançaram em rosto o rejeitar um consorcio pelo qual tanto almejava mas de cuja impossibilidade tinha consciencia. Era pois o desespero que o levava a erguer os braços para o céo no acto em que o pae, naquella derradeira entrevista, apertava com elle para que fosse pedir a mão de miss Turner. Por outro lado, elle, pessoalmente, não dispunha dos minimos recursos, e o pae o qual não ha duvida nenhuma, era homem rispido a valer, tel-o-ia posto á margem, se acaso soubesse a verdade. Elle tinha passado os tres ultimos dias em Bristol, com a mulher, a tal moça de balcão, e o pae nem siquer o suspeitava. Attente bem neste pormenor, pois é importante. E sem embargo, as coisas arranjaram-se de per si, visto que a tal sujeita, tendo lido nos jornaes que mister MacCarthy se achava compromettido em um caso de homicidio e não deixaria de ser enforcado, quiz-se ver livre delle e escreveu-lhe

VIDA MODERNA

Predio novo e de luxo. O seu projecto
Condiz com o bairro fino e memoravel ;
Alto, elegante, artistico, notavel,
Gloria maior, talvez, dum architecto.

Guarda o seu grande seio de concréto :
Quadros, tapetes, réps confortavel
Collecção de mobilias. Que adoravel
Ninho de amôr debaixo desse tecto!...

Agora os donos : moços vigorosos ;
Ella, formosa, um lindo ramalhete,
Elle, um Narciso. Estimam-se ditosos...

Mas os dias e as noites numa insania
Passam fóra nos chás. O palacete...
Fica entregue aos lúlús da Pomerania!

AMAURY COSTA VELHO

participando-lhe que ella, antes de casar com elle já era casada e que o marido se achava empregado no arsenal de marinha de Bermuds, e por consequencia, não existe semelhante casamento. E estou persuadido, até de que tão boa nova deverá ter compensado ao joven Mac'Carthy tantas e tantas provações.

— Mas se elle está innocente, quem é então o culpado?

— Isso agora! Ahi é que está o busilis! E chamo até a sua attenção muito em especial para dois pontos. O primeiro é que a victima tinha encontro aprazado com alguém á beira da lagôa, e que esse alguem não podia ser o filho, visto achar-se ausente e ignorar o pae o momento em que estaria de volta. O segundo ponto é que a victima foi ouvida gritar cui antes de lhe constar, até, o regresso do filho. Eis os pontos fundamentaes em que assenta o negocio. E agora, falemos a respeito de Jorge Meredith, se me dá licença, e adiemos para amanhã todos os negocios secundarios.

III

Conforme o vaticinara Holmes, não choveu, e c sol quando rompeu alumiou um céo escampado de nuvens.

A's nove horas, Lestrade veiu buscar-nos de carro, e seguimos para Hatherley-Farm e d'ali para a lagoa de Boscombe.

— Ha novidade, esta manhã, declarou Lestrade. Dizem que mister Turner se acha tão mal que perderam até a esperança de o salvar.

— Supponho que já será homem de edade, objectou Holmes.

— Orça pelos sessenta, mas tem a saude abalada pela residencia nas colonias, e ha uns tempos para cá tende a declinar. Impressionou-o summamente o caso. Era amigo de Mac'Carthy desde antigos tempos, e accrescentarei até, bemfeitor, pois acabo de saber, que lhe não exigia renda pelo aluguel de Hatherley-Farm.

— Deveras!... E' interessantissimo! declarou Holmes.

— E' como lhe digo, e tinha-lhe valido até em mais de um caso. Não ha por aqui ninguem que não saiba os favores de que o outro lhe éra devedor.

— Realmente? Pois não lhe parece um tanto esquisito ver esse tal Mac'Carthy, sem ter onde cahir morto, e devendo, segundo se affirma, obrigações a mister Turner, ainda por cima falar em levar o filho a casar com a filha de Turner, herdeira sem duvida da propriedade, e isto de modo tão peremptorio como se fôra negocio já resolvido? E o caso antolha-se-me tanto mais singular, porquanto sabemos que o proprio Turner se oppunha ao projecto. Assim nol-o contou a filha. E não lhe suggerirá isto uma nova deducção.

— E elle a dar-lhe as deducções e conclusões, interveiu Lestrade, lançando-me uma olhadela. Não basta já a difficuldade que encontramos em coordenar os factos, Holmes, e ainda quer que nos vamos embrenhar em theorias phantasistas?

— Tem razão, assentiu Holmes, com modestia, é assaz difficil reconstituir o acto, effectivamente.

— Eu em todo o caso, tenho como certo um facto que o senhor não quer admittir, retorquiu Lestrade com intimativa.

— E vem a ser?

— Que Mac'Carthy pae, foi assassinado por Mac'-Carthy filho, e que toda e qualquer theoria visando provar o contrario, é miragem e nada mais.

— Sempre valerá mais a miragem que o nevoeiro, volveu Holmes, a rir. Mas, se os olhos não me enganam, aquillo que ali vejo, á esquerda, será Hatherley-Farm.

— Eis-nos chegados, com effeito.

(Continua na pag. seguinte)

TRANSFIGURAÇÃO

Noite. E por traz dos finos reposteiros,
que caem, rendados, do alto dos espaços,
chora a lua, infeliz, do sol nos braços,
supplicando-lhe, em lances altaneiros,

que desça á terra, accenda os seus luzeiros
e entre os mortaes procure nos seus passos
virgem, que existe, de divinos traços,
cabellos loiros e olhos feiticeiros!

— Traze-me, Apollo, os verdes olhos della
e a cabelleira fulva! Assim, mais bella
me verás amanhã, quando voltares...

A's pressas surge o Sol, e a virgem linda
o apaixona na terra e o mata ainda,
porque elle tomba em sangue sobre os mares...

PAULO FE'NDER

IV

Achavamo-nos em frente de um extenso edificio com dois andares e de aspecto accommodado.

O telhado era de ardosia e as paredes pardacentas meio revestidas de limo. Os postigos cerrados e as chaminés pelas quaes não sahiam nem sombras de fumaça, imprimiam áquella mansão aspecto maldito como se assentara sobre ella o peso de um crime.

Paramos á porta, e a creada, a pedido de Holmes, mostrou-lhe o calçado que usava o amo no acto de ser morto e tambem o do filho, mas não aquelle que usava por occasião da morte do pae.

Medidos com o maximo escrupulo os dois pares de calçado, Holmes manifestou o desejo de ir ao pateo, d'onde partimos tomando pelo mesmo carreiro que ia dar á lagoa de Boscombe.

Sherlock Holmes, assim que farejava um qualquer rastro ainda quente, transformava-se em absoluto. Todo aquelle que tivesse apenas tratado com o profundo pensador e o logico de Baker-Street, mal o haveria reconhecido.

Subia-lhe o sangue á cabeça e o semblante annuveava-se-lhe. Os sobr'olhos eram apenas duas linhas rigidas do aço. De cabeça cahida, hombros encolhidos, labios comprimidos; com as veias tumidas e em relevo, no pescoço comprido e nervoso; dilatadas as narinas como as de um animal accusado, e o conjuncto das faculdades concentradas a tal ponto no trabalho, que não ouvia quer perguntas quer observações, ou pelo menos, se as ouvia, só respondia a ellas com um resmungo impaciente.

Caminhava silencioso e a passo accelerado pela vereda que cortava através da selva e da deveza até á lagoa de Boscombe. Era humido e alagadiço o terreno, como aliás por toda aquella região, e divisavam-se innumeras pegadas pelo caminho alem e pela herva rala que o orlava de uma e outra banda. Holmes ora seguia andando em frente, ora parava, estacando; uma vez, fez até um rodeio no herval.

Eu e Lestrade, seguiamos-lhe as pégadas, o detective com uns modos indifferentes e desdenhosos, eu, com interesse e confiança, conscio de que cada um dos seus actos mirava um fim absolutamente definido. A lagoa de Boscombe era um lençol de agua, medindo uns cincoenta metros de comprimento, e cercado de cannaviaes; estabelecia limite entre a granja de Hatherley e o parque do abastado mister Turner.

Por cima dos sarçaes que a orlavam, no extremo opposto áquelle em que nos achavamos, viamos as grimpas do telhado vermelho denunciando a residencia do dono.

Para a banda da lagoa contigua á granja de Hatherley, eram cerradissimas as moutas e entre a grama e os cannaviaes que circumdavam o parque, havia uma faixa de hervas palustres com a largura de vinte passos. Lestrade mostrou-nos o sitio exacto em que fôra encontrado o cadaver e, com effeito, era tanta a humidade do terreno, que nelle se percebiam ainda, distinctamente, os vestigios do corpo da victima.

Holmes, comtudo, e eu lia-lh'o no semblante e na expressão dos olhos, decifrava outras muitas coisas naquelle terreno espezinhado; começara a correr em roda como um cão que procura um rastro. De repente, voltando-se para o meu companheiro:

— Com que intuito foi o senhor á lagoa? indagou.

— Andei por lá á pesca, numa jangada. Andei a ver se encontraria a arma ou um indicio qualquer. Mas como diabo?...

— Bem, bem, não tenho tempo para me estar prendendo com taes ninharias. A pégada do seu pé esquerdo, que camba para dentro, é visivel por toda a parte; differençal-a-ia uma toupeira, e estou-a vendo daqui, a sumir-se no cannavial. Ah! como teria sido facil a minha tarefa, se toda esta gente não tem andado a barafustar no rastro tal qual uma manada de bufalos. Aqui está o sitio onde parou a chusma do porteiro, e patinharam tudo num raio de seis ou oito pés em redor, de cada vez. Mas aqui temos trez rastros differentes traçados pelas mesmas pessoas.

Tirou a lente do bolso e, de bruços no chão para melhor observar, estendido previamente o impermeavel afim de se não encharcar, começou a falar comsigo mesmo mais do que comnosco:

— São pégadas de Mac'Carthy, junior. Por duas vezes, a andar, e por outra, a correr, é mais que certo, e cá está vestigio muito fundo da sola, ao passo que o do tacão é apenas perceptivel. O facto vem confirmar-lhe o depoimento. Correu, mal viu o pae estatelado. Estou vendo daqui as pegadas de Mac'Carthy, senior, quando andava a passear para cá e para lá. Mas que será isto? Ah! já sei: a coronha de espingarda no acto de ali se achar o filho, á escuta. E isto aqui? Ha! ha! as pegadas de alguem

a andar nos bicos dos pés e calçando umas botas muitissimo especiaes. O individuo veiu, foi-se embora, e depois tornou a vir; em busca da capa, provavelmente. E agora, donde viria elle?

E Holmes esquadrinhava o terreno, perdia o rastro e voltava a encontral-o; e assim o foi seguindo até á orla da deveza, á sombra de um alamo muito frondoso, a arvore mais alta naquellas immediações. O rastro contornava a arvore. Holmes tornou a deitar-se de bruços, com visivel satisfação.

E para ali se deixou ficar, por muito tempo, a revolver as folhas, e as lascas da madeira secca, guardando num sobrescripto qualquer coisa que me pareceu ser poeira e examinando com a lente não só o terreno, mas ainda o proprio entrecasco da arvore na maxima profundeza. Examinou em seguida uma pedra esburacada emergendo do musgo, e guardou-a. E finalmente, foi seguindo pelo caminho através da deveza até á juncção deste com a estrada na qual se sumiam as pegadas.

— Interessantissimo, observou, voltando ao estado normal. Aquella casa pardacenta, ali á direita, é a casinhola do porteiro, creio eu? Vou entrar e dizer duas palavras ao Moran, e talvez, escrever um bilhete. Depois regressamos e vamos almoçar. Vão indo para o trem, que eu daqui a pouco os alcanço.

D'alli a dez minutos subiamos para a carruagem, a caminho de Ross. Holmes, já se vê, carregando com a pedra apanhada na deveza.

— Talvez que isto o interesse, Lestrade, disse mostrando-lhe o objecto. Foi com isto que o crime foi perpetrado.

— Não lhe vejo nem sombras de vestigios.

— Se é coisa que não tem!

— Como é que o sabe, então?

— No sitio em que se achava, brotavam umas ervas. Logo, só estava ali, havia poucos dias. Não se vê onde é que a poderiam ter apanhado; correspondem exactamente aos ferimentos e não existem indicios de outra qualquer arma.

— E o assassino, quem é?

— Um homem alto, canhoto, manco da perna direita, que usa botins de caçador com sola grossa e um capote pardo; fuma charutos indios, serve-se de boquilha e traz no bolso um canivete embotado. Existem mais algumas indicações; estas, comtudo, parecem-me sufficiente guia para as nossas pesquizas.

Sorriu-se Lestrade.

— Tenho pena de ser um tanto sceptico, replicou. Lá quanto a theorias, estamos nós bem, mas não percamos de vista que teremos de haver-nos com um jury inglez cabeçudo a valer.

— Veremos, volveu Holmes, com frieza. Siga o seu methodo, que eu irei seguindo o meu. Tenho trabalho para toda a tarde e tenciono recolher a Londres pelo comboio da noite.

— E deixa o inquerito meio alinhavado?

— Alinhavado, não, concluido.

— Mas o mysterio?

— Está resolvido.

— Quem é então o assassino?

— O individuo que eu lhe descrevi.

— E onde está elle?

— Não é difficil descobril-o certamente. Quer-me parecer que a região nem por isso é muito povoada.

Lestrade encolheu os hombros.

— Sou homem pratico, declarou, e não posso palmilhar o condado de cabo a rabo á procura do homem da perna cambaia. Vinha a ser ridicularizado, lá em Scotland-Yard.

— Muito bem, retorquiu Holmes com todo o socego. Pulo no rastro. Estamos á porta da sua casa. Antes de me ir embora, escrever-lhe-ei duas linhas.

Deixamos em casa Lestrade, e de caminho recolhemos á hospedaria, onde viemos encontrar o almoço á mesa. Holmes, tristonho, taciturno, engolfado em seus pensamentos e denunciando-lhe o semblante summa perplexidade.

— Ouça lá, Watson, disse assim que levantaram a mesa; sente-se ali, n'aquella cadeira defronte de mim, e deixe-me discursar um tudo nada. Não atino lá muito bem com o que deva fazer e ser-me-ia precioso o seu conselho. Accenda um charuto e escute.

— Fale, sou todo ouvidos.

— Muito bem! e agora, bem pensado o caso, existem dois pontos no depoimento de Mac'Carthy, junior, que nos chamaram a attenção impressionando-nos, a mim a favor, e a você contra elle. O primeiro é o pai ter podido gritar cui antes de o ver. O segundo, aquella allusão estapafurdia a um rato, por parte do morto.

(Continúa na pag. seguinte)

"Murmurou umas palavras, não ha duvida, mas o filho ouviu apenas as taes. Colloquemo-nos n'esse duplo ponto de partida e supponhamos ser de rigorosa exactidão a narrativa do moço. Nesse caso que significação terá o tal cui? E' evidente o chamado não ter sido dirigido ao filho, a quem elle suppunha ainda em Bristol. O mancebo encontrava-se ao alcance da voz por mero acaso, unicamente. O tal cui era portanto um signal á pessoa com quem elle tinha encontro aprazado. Mas o cui é um grito essencialmente australiano e empregado pelos habitantes da dita colonia. E' pois, mais que presumivel o facto de ser australiano a pessoa que Mac-Carthy esperava encontrar na lagoa de Boscombe.

— Sendo assim, que quererá dizer o tal "rato"?

Sherlock Holmes saccou do bolço um papel dobrado e estendeu-o em cima da mesa.

— Isto é um mappa da colonia de Victoria, disse. Telegraphei hontem para Bristol para m'o remetterem.

Tapou com uma mão uma parte do mappa.

— Veja aqui, o que lê você? perguntou.

— Leio *rat*.

— E agora? disse erguendo a mão.

— *Ballarat*.

— Ora ahi tem. E foi essa a palavra pronunciada pelo morto e de que o filho só ouviu a ultima syllaba. E' o nome do assassino: um fulano de tal, de Ballarat.

— Portentoso! exclamei.

— Está-se a metter pelos olhos. E agora vê que restringi muito as minhas investigações. E em conclusão existe um terceiro ponto que assume proporções de certeza dado o caso de ser correcta a narrativa do filho: e vem a ser, que o assassino é o tal do balandrau cinzento. Deixamos de andar ás aranhas e partimos de base segura; o assassino é um australiano de Ballarat e possue um capote cinzento, ou coisa assim.

— E' fora de duvida.

— E um homem residente cá no districto, visto como a lagôa só é accessivel pela granja ou pela herdade e que é raro ali pôr pé gente estranha.

— Perfeitamente.

— E por ultimo, quer da nossa expedição d'esta manhã ao sitio do crime, quer do exame do terreno, resultam os pormenores que eu transmitti áquelle imbecil do Lestrade, acerca da personalidade do criminoso.

— Mas como foi que obteve?

— Conhece o meu methodo. Funda-se na mais minuciosa observação. Sei que é possivel ajuizar approximadamente a estatura de qualquer, pela largura do passo, assim como o calçado que usa pelo rastro do mesmo.

— De accordo, usa umas botas muito especiaes. Mas não affirmou ser côxo?

— O rastro do pé direito é sempre menos distincto que o do esquerdo, logo, firma-se menos neste. Porque? Porque é aleijado, porque manqueja.

— E accrenscentou que é canhoto.

— Não deixaria de impressional-o a natureza do ferimento descripto pelo cirurgião no acto de depôr. A pancada foi vibrada directamente pelas costas, e comtudo, pelo lado esquerdo. Signal de que é canhoto. E' de presumir que estivesse escondido por detraz da arvore durante a entrevista do pae e do filho. E fumou, até, nesse sitio. Encontrei ali cinza de um charuto, que os meus conhecimentos especiaes respectivos a cinzas de tabaco, me facultam identificar como sendo de um charuto indiano. Não ignora que me tenho applicado a esse estudo e que até escrevi uma monographia, acerca da cinza de cento e quarenta variedades differentes de tabacos de cachimbar, de charuto e de cigarro. Ao topar com a cinza, rebusquei em redor, pelo musgo, até que dei com a ponta do charuto atirada para ali. Effectivamente, era um charuto indiano da qualidade fabricada em Rotterdam.

— E a boquilha?

— Verifiquei que a ponta do charuto não estivera em contacto com a bocca; e portanto, o individuo tinha-se servido de boquilha. A ponta fôra cortada e não trincada, mas não era nitido o côrte, donde conclui que tinha uma navalha cega.

— Holmes! exclamei, envolveu esse homem nas malhas de uma rêde da qual não poderá desvencilhar-se, e salvou a vida a um innocente com tanta certeza, como se com a sua propria mão houvesse cortado a corda que o enforcava. Agora, estou vendo o fim claro e nitido. O culpado é...

— Mister John Turner! annunciou o moço da hospedaria abrindo a porta da nossa sala, e dando ingresso a um visitante.

V

O individuo que entrou era uma figura estranha e de molde a impressionar. Côxo, curvado, apparentava muito mais idade do que na realidade tinha. As feições rigidas, accentuadas, e a robustez dos membros denotavam força physica e moral muito acima do vulgar. A barba intensa, as melenas grisalhas, as bastas sobrancelhas cahindo-lhe sobre os olhos, pelo conjuncto, imprimiam-lhe aspecto digno e energico; a côr, porém, era a de céra; os labios e os cantos das narinas levemente azulados, signal para mim de absoluta certeza de se achar invadido por uma doença organica mortal.

(Continua no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:
(Porte simples)
Anno.... (52 ns.) ..... 48$000
Semestre (26 ») ..... 25$000
(Registada)
Anno..... (52 ns.) ..... 70$000
Semestre (26 ») ..... 36$000
PARA O ESTRANGEIRO:
(Porte simples)
Anno.... (52 ns.) ..... 78$000
Semestre (26 ») ..... 40$000
(Registada)
Anno.... (52 ns.) ..... 115$000
Semestre (26 ») ..... 60$000
As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON
Revista Semanal Illustrada
EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.
Director: SERGIO SILVA
Redactor-chefe: Gustavo Barroso
Thesoureiro: Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97
Endereço telegr.: FON - FON
Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á
EMPRESA
FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ..... 1$500

ORF-LÉN
TIN
CABELLOS BRANC
nas seguintes côres:
Louro
Bronzeado claro
escuro
Castanho claro
natural
bronzeado
pouco escuro
escuro
Prêto